

A photograph showing a group of people playing large, round drums at night. The drums have a reddish-brown frame and a light-colored, possibly animal skin, head. The drummers are wearing dark jackets and some are wearing white shirts with ties. The scene is illuminated by warm, orange light, likely from streetlights or festival lights. The background is dark, suggesting an outdoor night setting.

PEDIDO DE
INVENTARIAÇÃO

Festas Nicolinas

NO INVENTÁRIO NACIONAL
DO PATRIMÓNIO CULTURAL
IMATERIAL

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

FICHA TÉCNICA

Festas Nicolinas

FICHA TÉCNICA

Este pedido de inventariação foi produzido pelo Departamento de Cultura, Turismo e Juventude

VEREADOR

José Bastos

DIRETOR DE DEPARTAMENTO

José Nobre

CHEFE DA DIVISÃO DE CULTURA E TURISMO

Isabel Pinho

TÉCNICOS DOS SERVIÇOS DE CULTURA E TURISMO

Carla Passos

Luciana Barbosa

João Costa

Joaquina Campos

José Andrade

José Luis Ribeiro

Maria Alexandre Neves

Ricardo Matos

Salette Silva

Vitor Marques

FOTOGRAFIA

Paulo Pacheco

ARRANJO GRÁFICO

Maria Alexandre Neves

ANEXO I

INVENTARIAÇÃO

Jean-Yves Durand

CRIA - UMinho

ÍNDICE

Festas Nicolinas

Festas Nicolinas

ANEXO I

I. Identificação

p.8

II. Documentação

p.25

III. Direitos associados

p.26

IV. Património associado

p.26

ANEXO II

I. Identificação do proponente

p.33

II. Caracterização do proponente

p.33

III. Fundamentação do pedido de inventariação

p.34

1. Caracterização da relevância da manifestação
2. Documentação da relevância da manifestação
3. Direitos de propriedade intelectual
4. Direito à imagem
5. Proteção de dados pessoais
6. Declaração de compromisso
7. Pedido de inventariação e procedimento
8. Recolha e tratamento da informação

Anexo II/1. Documentação fotográfica

p.40

Anexo II/2. Documentação fontes escritas p.42



MICOLINAS

2016

16

PRESIDENTE 2016



MICOLININAS

ANEXO I

Festas Nicolinas

ANEXO I

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Domínio:

Práticas sociais, rituais e eventos festivos.

2. Categoria:

Festividades cíclicas.

3. Denominação:

Festas Nicolinas.

4. Outras denominações:

No quotidiano vimaranense, “as Festas Nicolinas” são na maior parte do tempo designadas simplesmente como “as Nicolinas” e descritas como “as festas dos estudantes”.

Antes da popularização desses nomes no início do século XX, as festas parecem ter sido conhecidas sobretudo como “Festas de S. Nicolau” ou “Festejos Escolásticos a S. Nicolau”. O nome “Festas Nicolinas” foi adotado a partir do seu uso no Pregão de 1904, escrito por João de Meira, fulgurante figura intelectual vimaranense do início do século XX.

Em contextos formais ou eruditos é por vezes usada hoje a denominação “Festejos a S. Nicolau”.

5. Contexto Tipológico:

As Festas Nicolinas são uma festividade cíclica anual decorrendo na cidade de Guimarães entre os dias 29 de Novembro e 6 de Dezembro, dia de S. Nicolau. Tendo por origem provável o culto a este Santo, padroeiro de diversos grupos ou tipos sociais e nomeadamente dos estudantes, estas festas são na realidade essencialmente profanas.

Enquadram-se claramente na antiga matriz das festividades populares associadas ao início do inverno, marcadas por traços de cariz carnavalesco, pela subversão temporária de alguns aspetos da ordem social, por uma simbologia de fertilidade e de força vital contrastando com a chegada da escuridão e da esterilidade inverniais.

Em virtude do papel desempenhado pelos 10 elementos masculinos da Comissão de Festas, eleitos anualmente entre os estudantes dos últimos anos ensino do secundário de Guimarães com idade entre os 14 e 18 anos, as Festas Nicolinas correspondem também à figura do ritual de passagem.

6. Contexto de Produção:

6.1. Contexto Social:

6.1.1. Comunidade(s): As festas Nicolinas foram, ao longo do tempo, organizadas e realizadas pelos alunos de vários estabelecimentos de ensino que existiram sucessivamente na cidade de Guimarães, tendo ficado associadas em particular à memória do Liceu. A comunidade estudantil do ensino secundário da cidade e do concelho, alargada a antigos estudantes, assegura agora a sua organização, a realização dos números e a transmissão das suas características.

A população da cidade tem um lugar de espectador na maior parte dos números mas desempenha um papel ativo no primeiro, a Noite do Pinheiro, no qual se tem também notado nos últimos anos uma presença crescente de forasteiros. A população acompanha de perto os preparativos e a realização das festividades (decoração temática de montras; donativos à Comissão; ofertas de lanches aos participantes nas Moinas; entrega de “posses”...), ao ponto destas, embora referidas com frequência como sendo “as festas dos estudantes”, constituírem um dos elementos definidores da identidade vimaranense, conscientemente reivindicado e apresentado enquanto tal.

6.1.2. Grupo(s): Além da generalidade da população vimaranense, as Festas Nicolinas envolvem determinados grupos de uma maneira mais direta e específica, embora em moldes e graus diversos:

- Alunos dos estabelecimentos de ensino secundário
- Comissão de Festas
- Associação de Comissões de Festas Nicolinas
- Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos
- Tertúlias Nicolinas
- Irmandade de S. Nicolau

6.1.3. Indivíduo(s): A responsabilidade pela organização das festividades incumbe aos 10 membros da Comissão de Festas, eleitos anualmente para determinados lugares (ver abaixo: Caracterização Desenvolvida).

O papel de depositários e transmissores da tradição nicolina é cumprido coletivamente pelos membros dos grupos formalmente constituídos, em particular os seus corpos sociais. Contudo, alguns indivíduos, em função das suas competências, experiência ou disponibilidade, podem assumir papéis mais relevantes na execução de certas tarefas associadas à organização e à realização das festas, de maneira pontual ou ao longo de vários anos. Assim, a redação do guião das Danças de S. Nicolau tem sido assumida há vários anos por Miguel Bastos, o que assegura uma continuidade estilística do número, reforçada pelo facto do elenco ser normalmente estável de ano para ano, a não ser em razão de um percalço na vida de um dos participantes.

O facto de desempenharem os mesmos papéis resulta numa identificação entre certos Velhos Nicolinos e as suas personagens: particularmente marcantes foram os 25 anos do reinado de um D. Afonso Henriques personificado por José Maria Magalhães, que encontrou um digno sucessor em José Ribeiro.

Sem serem membros de uma instituição Nicolina, Joaquim Castro Pereira e Manuel da Silva Freitas (conhecidos na cidade respetivamente por Quim e Manel das Vacas) desempenham um importante papel de acompanhamento, aconselhamento e orientação da Comissão de Festas na realização de algumas das suas tarefas, resolvendo imprevistos ou eventuais dificuldades e assegurando a passagem de informações práticas de um ano para o outro.

Tendo os seus protagonistas ativos sido exclusivamente masculinos desde as suas origens, as Festas Nicolinas têm-se progressivamente aberto, nas últimas décadas, a alguma participação feminina. A este respeito, a nicolina Marta Nuno tem desempenhado um papel importante: envolvimento pessoal forte e contínuo na vida das instituições nicolinas, animação de uma tertúlia feminina, ações de pedagogia nicolina, incitação das raparigas a participarem de maneira ativa nas Maçãzinhas...

É de salientar que diversos indivíduos, embora já falecidos, alguns deles há já muito tempo, continuam a ocupar um lugar de destaque na vivência Nicolina. As frequentes evocações das suas figuras recordam uma variedade de qualidades que encarnaram (retidão ética, preocupação social, criatividade literária, apego à cidade, envolvimento Nicolino, papel de relevo na história das Festas e das suas instituições...) e vêm neles referências balizando o que é o “espírito Nicolino” ou mesmo modelos de comportamento para as novas gerações. O autor de uma recente publicação Nicolina (Gonçalves 2016) propõe a seguinte lista (além do próprio S. Nicolau e de Helder Rocha, único Nicolino a ter sido distinguido com o título de Nicolino-mor):

João de Meira: Professor e Médico. O Homem que baptizou as Festas Nicolinas.

António Feira Martins: Nicolino de referência. Sócio nº 1 perpétuo da AAELG Velhos Nicolinos

Bráulio Caldas: Autor dos Pregões de 1895, 1896, 1897, 1898, 1899 e 1900. Marcou uma era das Festas.

Jerónimo Sampaio: Pregoeiro em 1895 e em 1897. Foi de tal forma importante que era chamado de “Pai das Festas”.

Francisco da Cunha Oliveira Ribeiro, o “Xico Jesualdo”: Uma das maiores figuras dos tempos recentes, no universo Nicolino Pregoeiro em 1977.

Senhora Aninhas, Madrinha dos Estudantes de Guimarães: Ana Joaquina Magalhães, natural de Fafe. Veio para Guimarães com 13 anos e viria a gravar o seu

nome na história da velha cidade. É a figura mais querida das Festas Nicolinas.

José Luís de Pina: Professor do Liceu. Autor da Bandeira da “Academia Vimaranense”.

Padre Gaspar Roriz: Autor da Letra do Hino de Guimarães, de textos das Danças de São Nicolau e do Pregão.

José Maria de Magalhães: Foi, durante 25 anos, o “D. Afonso Henriques” das Danças de São Nicolau. É uma das maiores figuras das Festas Nicolinas dos tempos que correm.

6.2. Contexto territorial:

6.2.1. Local:

6.2.2. Freguesia: No essencial, as Festas Nicolinas decorrem na União das Freguesias de Oliveira, São Paio e São Sebastião. No entanto, algumas atividades preparatórias ou certos percursos podem situar-se em freguesias limítrofes: Aldão, Azurém, Creixomil, Urgezes.

6.2.3. Município: Guimarães.

6.2.4. Distrito: Braga.

6.2.5. País: Portugal.

6.2.6. Nuts II: Norte.

6.2.7. Nuts III: Sub-região do Vale do Ave.

6.3. Contexto temporal:

6.3.1. Periodicidade: As Festas Nicolinas são celebradas anualmente.

6.3.2. Data(s): Os números das Festas Nicolinas iniciam-se a 29 de Novembro, com a noite do Pinheiro, precedida das ceias nicolinas.

4 de Dezembro: Posses e Magusto

5 de Dezembro: Pregão

6 de Dezembro: Maçãzinhas

7 de Dezembro: Baile Nicolino

De 1 a 7 de Dezembro: Novenas (na realidade reduzidas há já vários anos a um único dia, cuja data varia de ano para ano)

Em data variável, nunca divulgada: Roubalheiras

Os preparativos das festividades começam com a eleição da Comissão de Festas, na última sexta-feira do mês de Setembro.

Fora do período das Festas *stricto sensu*, diversas instituições nicolinas realizam atividades ao longo do ano. Estas podem obedecer a uma regularidade (o jantar das instituições nicolinas, algumas semanas antes das festas, organizado pela Associação de Comissões de Festas Nicolinas tal como a gala Nicolinos d'Ouro, em que são agraciados alguns nicolinos pelos serviços prestados à causa; a “plantação do pinheiro”, promovida no fim do inverno pela Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos). Diversas tertúlias nicolinas reúnem-se com regularidade, muitas delas para um jantar mensal. Mas

muitas iniciativas são também organizadas de maneira ocasional: atividades de divulgação das Festas em meio escolar; Convenção Nicolina em 1995 e 2015; eventos comemorativos relativos à vida de uma associação (como o Sarau dos 50 anos da AAELG / VN, em 2011), do nascimento ou do falecimento de certos nicolinos notáveis...

Embora não tendo sempre uma grande visibilidade na vida da cidade, a continuidade deste fluxo de iniciativas nicolinas constitui pequenas extensões das Festas além das suas datas oficiais e desempenha um papel importante na reprodução do tecido social local.

Realça-se que, se as Festas Nicolinas decorrem em datas específicas, Nicolinos mais afincados declaram que o “espírito nicolino” corresponde a um incessante sentimento de pertença coletiva, a uma atitude feita de um misto de orgulho, humildade e ética que não deve conhecer folga.

7. Caracterização:

7.1. Caracterização síntese: As Festas Nicolinas são as festividades que os estudantes do ensino secundário de Guimarães celebram todos os anos, entre 29 de Novembro e 7 de Dezembro, em honra do seu padroeiro São Nicolau, venerado em toda a Europa.

Além da sua dedicação a este Santo, referida com intensidade por muitos nicolinos, e reavivada em Guimarães com um novo despertar da Irmandade de São Nicolau, a dimensão religiosa das Festas Nicolinas é hoje quase residual. Os seus diversos números profanos situam-nas no conjunto de antigas celebrações populares europeias marcando o carácter liminar do início do inverno e destinadas a conjurar os seus aspetos assustadores pela subversão e reinstauração da ordem social, e pelo recurso a uma simbologia lembrando a permanência da vida.

A dimensão liminal das Festas Nicolinas estende-se aos seus organizadores, uma Comissão composta por 10 estudantes rapazes, e configura para eles um ritual de passagem à idade adulta.

Estes traços tradicionais articulam-se com aspetos muito específicos destas festividades, as mais antigas do Concelho de Guimarães. São as únicas festas de estudantes do ensino secundário existentes na atualidade em Portugal e o único contexto em que ainda se usa um antigo traje académico liceal (com a exceção da Tuna Académica do Liceu de Évora, mas só em contexto cénico). Decorrendo em contexto urbano, realizadas por uma juventude aberta à multiculturalidade contemporânea, trazem para a cidade manifestações de uma ruralidade essencialmente pretérita, evocação do universo camponês com que a urbe vivia outrora em estreita simbiose.

Plurisseculares, com uma existência enraizada em celebrações e travessuras estudantis associadas ao dia

de São Nicolau que estão documentadas em Guimarães até pelo menos 1645, as Festas Nicolinas evidenciam uma notável resiliência aos sobressaltos da História e passaram por fases de maior ou menor esquecimento e várias regenerações. No essencial, os seus traços atuais e a sua extensão além do dia 6 de Dezembro foram estabelecidos em finais do século XIX, a partir da sua revitalização em 1895 após duas décadas de quase desaparecimento. Tendo surgido ao longo de séculos num grupo da elite social vimaranense, os números são no entanto inspirados em práticas da tradição popular europeia e em particular minhota. E as Festas Nicolinas são agora objeto de uma forte apropriação coletiva local, afirmada a partir da democratização e massificação do ensino secundário após o 25 de Abril. Alimentando-se de uma convicção identitária vivida com intensidade, o sentimento de pertença a uma comunidade e o desejo de contribuir para a transmissão da sua memória, que as Festas enaltecem, podem ser considerados como constituindo hoje o seu principal significado.

7.2. Caracterização desenvolvida: Os estudantes do ensino secundário do concelho de Guimarães organizam todos os anos as Festas Nicolinas, que decorrem entre 29 de Novembro e 7 de Dezembro no centro da cidade em honra do seu padroeiro, São Nicolau, Santo taumaturgo protetor de diversos grupos sociais, muitas vezes desfavorecidos, e amigo das crianças. A componente religiosa das festividades é na realidade reduzida e a referência ao Santo é muito mais afetiva que litúrgica.

“E tu, ó Nicolau, perdoa, que afinal És um pretexto só ao nosso festival. Nós amamos-te muito, ó querido Santo, é certo, Mas julgares só tua a Festa, é desconcerto, Não quadra a oração co' a nossa mocidade. Os moços querem rir, querem hilaridade, E preferem no mundo (ó desconcerto seu!) Uma Santa ainda viva a um Santo que morreu.” João de Meira, Pregão 1903

A Irmandade de S. Nicolau, reativada com novos estatutos a partir de 1993, assegura a continuação do culto de São Nicolau em Guimarães e acompanha de perto a realização das Festas, mas sem se envolver diretamente nelas, embora muitos dos seus membros pertençam à comunidade nicolina. Dois dias após S. Nicolau, a 8 de Dezembro, é festejada a Senhora da Conceição, a quem são dedicadas as Novenas das Festas. E a 13 é a festa de Santa Luzia, celebrada em Guimarães, onde se acompanha da tradicional confeção das passarinhas e dos sardões (confeção essa que já foi objeto de um pedido de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial), mas já sem qualquer ligação direta ao universo nicolino. Esta concentração de

acontecimentos festivos e religiosos num curto período confere uma intensidade particular às duas semanas que se abrem com as Nicolinas a 29 de Novembro e encerram a 13 de Dezembro, tanto mais que é nesse dia que, em 2001, a UNESCO inscreveu o centro histórico da cidade na lista do Património da Humanidade, acontecimento profano mas nem por isso menos comemorado do que os outros.

O atual imaginário Nicolino continua a atribuir uma grande importância às origens religiosas das Festas. Mas a sua notável capacidade de adaptação e de reinvenção, demonstrada ao longo de séculos (como no seu relançamento em 1895), tem-nas levado a serem agora essencialmente profanas. Em contrapartida, e apesar das mudanças radicais que, nas últimas décadas, têm afetado as condições de acesso ao ensino, o seu funcionamento e o estatuto social dos estudantes, as Nicolinas têm sido invariavelmente festas académicas liceais, as “festas dos estudantes”, organizadas por eles.

A Comissão de Festas

Outrora reservada aos alunos do Liceu de Guimarães (agora Escola Secundária Martins Sarmiento), a participação na Comissão de Festas ficou aberta a partir de um acordo estabelecido em 1982 (ver Documentação) aos outros estabelecimentos de ensino secundário do concelho: Escola Secundária Francisco de Holanda, Escola Secundária de Caldas das Taipas e Escola Secundária Santos Simões. Lê-se no site internet da AAELG / VN que “Na evolução natural deste acordo hoje pode ser candidato para a comissão qualquer aluno do sexo masculino com idade compreendida entre os 14 e os 18 anos com matrícula em estabelecimento de ensino da cidade de Guimarães para o ano lectivo em curso.”

A eleição da Comissão de Festas realiza-se na última sexta-feira do mês de setembro e marca o início de um novo ciclo nicolino. Tem lugar junto do “Chafariz da Tradição”, fonte quinhentista de novo colocada em 2011 no Toural, praça principal da cidade, depois de ter estado no Largo do Camo desde finais do século XIX. Ao fim da tarde, várias dezenas de estudantes, rapazes e raparigas, reúnem-se e seguem as instruções dadas pelos dois ou três Velhos Nicolinos que organizam as operações e registam os votos que os eleitores colocados em fila lhes anunciam oralmente. Os dez cargos são postos à votação sucessivamente.

O Presidente terá de coordenar todas as atividades do grupo. Detentor da autoridade máxima num grupo que tem um funcionamento hierárquico estrito, da sua personalidade dependem muito a qualidade das relações internas à Comissão, a sua dinâmica coletiva e o sucesso das festas. Vice-presidente e Tesoureiro são os seus adjuntos, sendo particularmente crucial a gestão que o segundo fará dos fundos angariados nos peditórios e graças aos patrocínios. A função de escrivão incumbe ao

Secretário. O Primeiro-vogal da Academia tem a honra de conduzir os desfiles das Maçãzinhas e do Pregão, montado num cavalo e levando a Bandeira da Academia (ver Património Associado). É auxiliado pelo Segundo-vogal da Academia, responsável pela organização dos cortejos. O Primeiro-vogal de Festas, assistido pelo Segundo-vogal de Festas, organiza os diversos eventos. Os toques nicolinos serão ensinados aos estudantes pelo Chefe de Bombos, responsável pelo toque do bombo enquanto o Sub-chefe de Bombos especializa-se mais no toque da caixa.

Os dez lugares não são sempre providos na totalidade, por falta de candidatos ou por desistência, em geral em razão da relutância de certos pais perante a perspectiva de uma quase certa grande perda no aproveitamento escolar do filho. Elementos de uma Comissão podem ser eleitos em anos sucessivos, o que permite aproveitar a experiência adquirida. Os novos membros são conhecidos como “malotas”. Na tomada de posse, realizada na Torre dos Almadas perante representantes das 3 instituições nicolinas alguns dias após a eleição, uma vez efetuada a verificação dos certificados de matrícula, a Bandeira da Academia é entregue ao Primeiro-vogal e todos os membros da Comissão assinam um juramento:

*Eu (Nome) comprometo-me:
A dedicar-me à causa Nicolina;
A dedicar-me à causa Nicolina e a enobrecer os festejos ao seu Patrono: S. Nicolau;
Na defesa da verdade dos seus rituais de fraternidade;
A criar igualdade de oportunidades a todo o Nicolino em busca de uma excelência de Sabedoria na defesa e valorização da dignidade humana e a combater “praxes” e comportamentos menores ou pouco edificantes;
A combater o vício, a ignorância e a marginalidade;
Na defesa das suas tradições ancestrais onde “os Velhos” são a memória e “os Novos” os obreiros-aprendizes e companheiros das Festas a S. Nicolau;
A participar no rejuvenescimento das Nicolinas e na passagem do seu testemunho;
A respeitar “Os Velhos” e a acompanhá-los sempre que necessário;
Por vontade de S. Nicolau,*

Assunto irrelevante para muitos nicolinos, para quem só se trata de um costume integrador benigno ou mesmo benéfico, a existência de praxes na Comissão (que varia muito nas suas formas e intensidade de ano para ano, consoante as personalidades envolvidas) ou imposta por Velhos é pelo contrário uma questão de superior importância para outros, que vêem nela um sinal de degradação ética e um motivo de indispensável intervenção educativa por parte das instituições nicolinas. Muitos membros da AAELG mostram-se particularmente preocupados e interessados em

procurar soluções. Os moldes da questão são portanto similares aos que têm no resto da sociedade, sendo de realçar que nada na tradição nicolina estipula a necessidade de uma praxe.

A Comissão não dispõe de sede própria e tem cada ano de encontrar um local onde se reunir e conviver. A criação de um espírito de corpo entre os dez rapazes, alunos de estabelecimentos e de anos diferentes, passa em boa parte pela comensalidade: um primeiro jantar segue-se à eleição, e muito mais refeições comuns virão... Após a eleição, os membros da Comissão devem obrigatoriamente usar sempre o tradicional traje académico, por vezes designado por traje nacional: calça preta, camisa branca, gravata preta, colete preto, batina preta, capa preta e sapatos pretos. O respeito deste código vestimentar deve ser absoluto e é com orgulho que é referido o facto de se tratar do único traje liceal reconhecido e aceite nas universidades de Coimbra e do Porto. É de notar que, além do fraco enraizamento local de muitos estudantes universitários, a questão dos respetivos trajes terá sido uma das razões do fracasso das ideias de aproximação entre a tradição nicolina e as práticas surgidas na Universidade do Minho, que tem um campus em Guimarães. A distinção austera da silhueta anacrónica de alguns rapazes intriga muito os turistas que exploram as ruas do centro histórico no outono, mas os locais reconhecem nela um sinal da aproximação das Festas dos estudantes.

Nos números que exigem uma atividade física mais intensa, como por exemplo o Pinheiro, as Posses ou as Roubalheiras, os membros da Comissão usam o “traje de trabalho”: calças pretas, camisa branca, lenço tabaqueiro vermelho, gorro nicolino (também conhecido por “mitra”) vermelho com um friso verde na base. Os outros estudantes e os Velhos Nicolinos que acompanham os números vestem a mesma indumentária, que é também o vestuário usado pelo Velhos nas suas aparições públicas, por exemplo por ocasião das diversas iniciativas de divulgação que promovem. Mas o Presidente e o Vice-Presidente, em virtude do seu estatuto, só vestem o traje de trabalho em duas ocasiões: no Pinheiro e nas Posses.

Até à conclusão das Festas, os dez rapazes deixam crescer o cabelo e a barba (quando a têm). Além do traje, esta divergência em relação ao aspeto socialmente vigente da pilosidade masculina realça a indicação da sua entrada num estatuto liminar. De facto, até ao dia 7 de Dezembro, eles viverão em rutura com a sua vida habitual, socializando entre eles, passando noitadas fora de casa, iniciando-se ao consumo de álcool, submetendo-se a praxes, testando a sua resistência ao cansaço. Mas a dimensão integradora de um rito de passagem encontra-se também presente no apadrinhamento pelos antigos membros de comissões e pela integração na sua comunidade. A intensidade da experiência de uma passagem pela Comissão é invariavelmente referida

por quem a viveu, salientando-se a sua qualidade de “aprendizagem pela vida” e, sobretudo, o facto de ser o molde de laços de amizades absolutamente indefetíveis. Esta dimensão até certo ponto iniciática pode ser agora mais premente em razão da maior juventude dos envolvidos. Além da responsabilidade e da organização que têm de ser demonstradas ao longo de semanas, o controlo da multidão acompanhando o cortejo do Pinheiro pode tomar uma dimensão física e uma intensidade obviamente muito mais significativas para um adolescente do que para os homens de mais de 20 anos que podiam ser os estudantes em tempos passados.

A fase preparatória

A angariação de fundos pode começar pouco tempo depois da eleição e durar o tempo necessário para a obtenção do montante indispensável para o bom desenrolar das Festas. Os peditórios são realizados na cidade e nos arredores, em geral ao fim do dia e por grupos de 2 elementos devidamente identificados (para evitar a repetição de casos de burlas efetuadas por indivíduos que se fizeram passar por nicolinos). Os nicolinos visitam tanto casas comerciais como particulares, procurando alcançar o montante que lhes foi indicado como objetivo – e que poderá ter sido avaliado em função das características socioeconómicas das zonas percorridas.

A 1 de Novembro tem lugar o primeiro ato público oficial da Comissão de Festas: a Romagem da Saudade. Saindo da Torre dos Almadas, o grupo faz uma breve paragem na capela de S. Nicolau e desloca-se a pé até ao cemitério da Atouguia, onde presta homenagem aos nicolinos aí sepultados, e em particular à geração de finais do século XIX, responsável pelo ressurgimento das Festas. À chegada, os rapazes fazem um peditório de flores junto das floristas instaladas perto do portão, destinando os ramos assim obtidos a campos dos seus familiares ou de nicolinos. O desenrolar da Romagem pode variar um pouco de ano para ano, nomeadamente no que diz respeito a quem acompanha o grupo: antigos elementos da Comissão, membros da Irmandade de S. Nicolau... Em 2013, a Comissão realizou a Romagem acompanhada unicamente pelo Quim, que prestou uma ajuda preciosa graças à sua relativa familiaridade com o lugar, adquirida em anos anteriores: apesar da brochura preparada pela AAELG / VN para a ocasião indicar as coordenadas das sepulturas, dispersas por todo o cemitério, a sua localização revelava-se um exercício difícil para a Comissão. É um exemplo da orientação de que ela pode beneficiar por parte de pessoas cuja participação nas Festas teria sido antigamente considerada inconcebível. Encontradas as campos dos nicolinos mais ilustres, procede-se à leitura de um breve texto dedicado a cada defunto, em geral uma citação de

uma obra nicolina clássica, seguindo o guião fornecido pela brochura.

Nas semanas que antecedem o início das festividades, os toques nicolinos têm de ser ensinados aos participantes neófitos. É a função dos ensaios, que decorrem em geral na Praça da Mumadona ou na Escola Secundária Martins Sarmiento. Chefe e Subchefe de Bombos esforçam-se por inculcar os quatro toques oficiais (ver Documentação) e um sentido mínimo de sincronia a algumas dezenas de jovens tocadores raramente experimentados. São auxiliados na sua tarefa pelos seus colegas da Comissão, por numerosos Velhos Nicolinos e pelos inevitáveis Quim e Manel das Vacas, que se voluntariam para vir enquadrar as operações e marcar visualmente os ritmos com movimentos cadenciados do braço erguido com o punho fechado -- o que fazem também numerosos transeuntes de todas as idades, eles próprios Velhos Nicolinos ou simpatizantes

As Moinas são ensaios organizados em cortejo, durante o qual é executado repetidamente o toque das Moinas. Como é comum em conjuntos itinerantes de percussões, o Chefe de Bombos está virado para o grupo que dirige com a sua boneca montada num cabo de vassoura, e a sua progressão deve por vezes ser guiada. O número de participantes vestindo o traje de trabalho é suficiente para dar um sentido de uniformidade ao conjunto. Com as caixas nas posições laterais e os bombos na parte central, o grupo sai da Praça da Mumadona e dirige-se ao chafariz do Largo do Tournal, parando em caminho numa casa particular ou numa instituição, onde um lanche é oferecido a todos os participantes. Os jovens fazem também uma visita de cortesia à tertúlia 4 de Dezembro, a mais antiga de todas, reunida num primeiro andar da Alameda e cujos membros, todos de uma idade já afastada dos seus tempos de estudantes, vêm à varanda cumprimentar as novas gerações. As sucessivas Moinas percorrem trajetos diferentes e, com os outros cortejos das Festas, desenham uma densa cartografia (ver Documentação). Com esta apropriação nicolina do espaço urbano vimaranense, em novembro, a surpreendente paisagem sonora das tardes de sábado não deixa de ser notada pelos turistas.

O número de Moinas, habitualmente três ou quatro, é fixado por cada Comissão e os anúncios da sua realização são amplamente divulgados nas redes sociais. A última Moina de 2016 juntou várias centenas de jovens: estes encontros são claramente apreciados pelos participantes, com rapazes e raparigas em números mais ou menos iguais, que encontram neles momentos propícios às diversas práticas de socialização adolescente aos quais gostam de poder aceder fora do quadro escolar e familiar. Os grupos de alunos de diferentes escolas começam por ter um comportamento algo territorial mas durante as últimas Moinas nota-se que se criam alguns contatos.

Nas semanas em que decorrem peditórios, Romagem, ensaios e Moinas, até ao dia 29 de novembro, a Comissão ainda tem de contactar potenciais patrocinadores; prever com a polícia e com a Autarquia a ocupação dos espaços públicos; coordenar a participação dos infantários no Pinheirinho; contratar bandas; organizar o abate e o transporte do Pinheiro com os lenhadores e os tratadores das juntas de bois; elaborar a sua participação nas Danças de S. Nicolau; adquirir material de decoração e morteiros e, idealmente, tentar imaginar roubalheiras originais. Além das suas tarefas diretamente ligadas às Festas, os membros da Comissão têm a obrigação de estarem disponíveis, ao longo do ano, para dar o seu contributo nos eventos de divulgação das Festas promovidos pelas instituições nicolinas.

O Pinheiro, de madrugada a altas horas da noite

Cedo na manhã do dia 29 de novembro, a Comissão desloca-se até à Quinta de Aldão, nas imediações da cidade, propriedade da família Martins de Aldão que, por desejo de contribuir para a causa Nicolina, oferece há já vários anos uma grande árvore. Após o abate, juntas de bois trazem o tronco, ornamentado pelo seu penacho terminal e dois grandes ramos verdes de azinheira, até ao Cano, perto do Castelo, onde fica à espera de ser decorado pela Comissão. A força da atração que a árvore abatida exerce sobre a população vimaranense é aqui patente. Perante a sua presença imponente, inúmeros carros abrandam ou param. Grupos de estudantes aproveitam um intervalo para o vir ver. Os curiosos que se deslocam de propósito desde o centro avaliam a sua altura, tiram fotografias e *selfies* que enviam de imediato para amigos e familiares, em particular para quem não poderá participar na noite. Comparações com a árvore do ano anterior e comentários apreciativos abundam: “É grande o gajo, caralho!”, “Desta vez não é torto!”

Após o abate, os membros da Comissão participam no Cortejo do Retábulo de S. Nicolau, uma criação recente cujo nome oficial já é menos conhecido que o de Pinheirinho. Acompanhados pelas autoridades municipais, por representantes das instituições nicolinas e sobretudo por centenas de alunos dos infantários da cidade, todos com gorro nicolino e equipados de pequenas caixas, vão levar um pequeno retábulo da Capela de S. Nicolau até à Torre dos Almadas, onde ficará durante toda a duração das festas. O retábulo (ver Património Associado), também conhecido como “a casinha de S. Nicolau”, foi doado pelo Sr. Ferraz de Moura e decorado com representações em estilo *naïf* do Pinheiro e das Maçãzinhas por Fernando Capela Miguel, ambos nicolinos, como José Maria Magalhães, que ofereceu a imagem do Santo. Tendo começado de maneira discreta, a partir de uma iniciativa de educadoras do Lar de Sta. Estefânia, o Pinheirinho tem ganho uma popularidade notável e agrupa agora uma

multidão de pequenos alunos que recebem por esta ocasião a sua primeira preleção Nicolina. As opiniões unânimes vêm nela uma iniciativa “bonita”, sem dúvida em boa parte em razão da participação infantil, mesmo se algumas vozes receiam que uma atividade que nem sequer é um número oficial contribua para adensar ainda mais o protagonismo impressionante adquirido em tempos recentes pelo Pinheiro.

Ao longo da tarde, vai-se preparando o evento que é de facto, agora, de longe o mais visível das Festas Nicolinas - e na realidade o único com alguma projeção mediática fora do concelho. Enquanto alguns grupos ainda percorrem as ruas onde o trânsito foi interrompido para irem ver o pinheiro, que a Comissão já decorou com festões e pequenas lâmpadas, outros, equipados com caixas e bombos que fazem rufar de tempo em tempo, começam a dirigir-se para os restaurantes onde marcaram uma reserva com semanas ou mesmo meses de antecedência. Todos eles estão completamente lotados, mesmo nos arredores: nesta noite de Ceias Nicolinas, um forasteiro desprevenido não teria qualquer hipótese de encontrar onde jantar na cidade e partilhar a refeição tradicional com os locais e seus amigos: caldo verde com tora, papas de sarrabulho, rojões de porco com batatas, tripas com grelos e castanhas assadas, tudo regado com vinho verde, branco ou tinto.

Centenas de grupos juntam-se nos restaurantes, reunindo amigos que poderão ter vindo de muito longe, como todos os anos, para partilharem com outros velhos nicolinos da mesma geração uma noite de evocação de tempos passados e desfilerem juntos pelas ruas da cidade onde estudaram. Certas Ceias são na realidade compostas pelos membros de uma tertúlia, outras só se reúnem uma vez por ano, o que não impede que possam ser bastante conhecidas, associadas ao seu restaurante favorito. A Ceia mais numerosa é o Jantar do Pinheiro, ocasionalmente designada por Ceia da Memória, da Tradição e da Amizade, que reúne à volta de duzentos membros da AAELG, um número que tem obrigado a recorrer a locais espaçosos. No fim da refeição o Chefe de Bombo e o Subchefe de Bombos acompanham os Velhos da AAELG e da ACFN, tocando, até ao Pinheiro. Quando aí chegam, por volta das 23h, o cortejo arranca: à frente vai a AAELG com o chefe de bombos, segue o carro de Minerva (uma figura da sabedoria, corporizada há vários anos pelo omnipresente Quim), os carros com “piadas” e quadras satíricas, o Pinheiro e, por fim, a ACFN acompanhada pelo Subchefe de Bombos. Todos os carros são puxados por juntas de bois; chegaram no passado a ser várias dezenas mas o seu número evoluiu no sentido inverso da participação humana, que cresceu muito - com mulheres e homens a participarem agora em proporção igual no que foi durante muito tempo um número exclusivamente masculino, evolução esta ainda algo controversa no universo nicolino.

São milhares de pessoas que tentam acompanhar o Pinheiro, muitas vestidas com o traje de trabalho e tentando tocar o toque oficial da noite. Alguns executam mesmo o toque das Moinas, que conhecem melhor, e que se ouve por instantes sobreposto ao outro. A multiplicidade de grupos de tocadores é tal que, com a exceção da proximidade da AAELG e da ACFN, qualquer esperança de sincronia é ilusória, tanto mais que não faltam na multidão chefes de bombos improvisados que trouxeram a sua própria “boneca” para dirigir o seu grupo, reforçando a confusão. Esta é considerável e a progressão dos carros muito lenta, apesar dos esforços constantes dos membros da Comissão que tentam em permanência abrir caminho à AAELG. A tarefa é tal que, paradoxalmente, devem ser os únicos Nicolinos que não usam os seus instrumentos nessa noite.

É na noite do Pinheiro que é possível observar com maior frequência o que parece em vias de se tornar uma das imagens de marca das Festas Nicolinas: pele de tambores ensanguentadas. Como nas Moinas, e pelas mesmas razões, os bombos que levam o Pinheiro ao seu enterro são tocados quase todos em posição horizontal. Ora nesta posição é mais difícil evitar o contacto da mão com a membrana, o que depressa causa ferimentos. Mas esta causa técnica é interpretada por muitos jovens nicolinos em função de uma linha simbólica que convoca representações de uma masculinidade exacerbada resultando na perda de virgindade das mulheres. Como observa o historiador vimaranense António Amaro das Neves (2015), tais verbalizações são muito recentes e remetem para a controvérsia acerca da participação das raparigas, apresentada como desprovida de sentido no que seria um ritual de afirmação da masculinidade. No entanto hoje as raparigas estão em força no Pinheiro, e tocam, o que deveria invalidar esta interpretação sexual. Na realidade, em vez de esmorecer, parece ser apropriada por algumas jovens.

O cortejo leva várias horas para atravessar a cidade e finalmente chegar ao largo de S. Gualter, onde uma escavadora já preparou um buraco, perto do Monumento Nicolino. Auxiliados pela máquina, que segura e içá a árvore, e por alguns Velhos, os rapazes da Comissão usam pás para enterrar a base do tronco e segurá-lo na posição erguida. No momento em que é solto pela grua, a emoção e a exaltação coletivas chegam ao rubro: palmas, exclamações, assobios. Para os membros da Comissão, a considerável tensão acumulada durante a preparação do número e o policiamento do cortejo solta-se finalmente: abraçam o Pinheiro, os colegas; não faltam lágrimas nos olhos de Novos e Velhos – de quem, sem querer desvalorizar o papel dos jovens, tem de se dizer que ajudam muito, pelo respeito que inspiram, a estabilizar os acontecimentos e acalmar os ânimos na proximidade dos carros.

Com o pinheiro erguido, as Festas ficam oficialmente abertas (no fim, será prosaicamente cortado em lenha destinada à Casa dos Pobres). Aliás, vários grupos vão aproveitar o resto da noite, perto do Liceu, na Praça da Oliveira, no Tournal, para continuar a tocar e festejar. Durante a noite do Pinheiro, os serviços de proteção civil estão mobilizados para fazer frente a todas as possíveis situações e as urgências hospitalares recebem muitas pessoas alcoolizadas. Novos e Velhos Nicolinos recusam ser responsabilizados por atos que não podem controlar. Para eles, e muito em particular para a Comissão, o que conta é constatar que mais um grupo tem sabido organizar e controlar um cortejo gigantesco.

Novenas

Os dias que se seguem ao Pinheiro são de relativo descanso para a Comissão. O próximo número só é marcado para o dia 4. O intervalo pode ser portanto aproveitado para a realização das Novenas. Na realidade, apesar de um nome no plural, há já vários anos que é celebrada uma única eucaristia. A Comissão, vestida com o traje de estudante, executando o toque das Novenas, desloca-se a pé desde a Torre dos Almadas até à capela da Sra. da Conceição, onde participa numa missa em honra da padroeira de Portugal.

Membros da Irmandade de S. Nicolau manifestam a sua tristeza perante a redução da dimensão religiosa das Festas Nicolinas a este último elemento, mas eles próprios admitem que o programa das festividades seria dificilmente compatível com o cumprimento estrito de novenas e a expectativa de algum aproveitamento escolar.

A Comissão vai a seguir até ao mercado, onde recolhe alimentos que vai depois entregar à Casa dos Pobres, no centro. A importância desta componente de apoio social é reivindicada por muitos Nicolinos. Traduz-se também nas bolsas de mérito escolar atribuídas pela AAELG / VN.

Roubalheiras

As noites do intervalo entre o Pinheiro e as Posses são também propícias à realização das Roubalheiras, único número do programa que passou a ser móvel, porque houve quem se aproveitasse do anúncio desses roubos humorísticos para praticar verdadeiros. A Comissão informa no entanto os serviços de segurança pública da sua intenção de realizar as Roubalheiras em determinada data. Qualquer pessoa interessada em participar numa noite cheia de gargalhadas pode pedir autorização ao Presidente, o que fazem sempre muitos membros das Comissões de anos anteriores. O grupo pode assim totalizar 20 a 30 elementos, entre os quais o Manel das Vacas é uma presença habitual.

Todos os interessados chegam ao Tournal por volta da meia-noite e seguem depois numa carrinha emprestada,

em que vão colocando os mais diversos objetos que conseguem surripiar: placas, vasos, mobília de esplanadas, roupa estendida, casota de cão, brinquedos, carrinhos de compras..., deixando em troca um bilhete indicando que “Amanhã no Tournal poderá levantar os seus pertences até ao meio-dia” e assinado pela Comissão de Festas Nicolinas. Os mais velhos evocam os tempos em que o número se realizava a pé, o que o tornava muito mais físico. Os objetos roubados são depositados no Tournal, onde alguns “ladrões” ficam para os vigiar até à chegada dos seus legítimos proprietários que, regra geral, reagem com boa disposição. Alguns são aliás todos os anos vítimas dos Nicolinos. É a crítica principal que se ouve ser dirigida a um número supostamente irreverente, mas cuja repetitividade de ano para ano tem tornado mais previsível. O roubo das balizas do Vitória já se transformou, por exemplo, num exercício obrigatório. Em contrapartida, ainda se fala da motorizada da PSP que a Comissão de 2012 conseguiu furtar.

Posses e magusto

A 4 de Dezembro, ao fim do dia, o número das Posses sai do Largo da Feira, com toda a Comissão vestida com o traje de trabalho, acompanhada por uma banda que toca o hino de S. Nicolau, ao ritmo do qual os nicolinos vão dançando, marchando e saltitando, de braços entrelaçados ou de mãos dadas, numa coreografia que se repete incansavelmente até ao fim do número, muitas horas depois. A primeira posse é habitualmente dada no restaurante da Piedade. Os locais não são sempre os mesmos mas alguns, mais emblemáticos (o antigo Liceu, as casas de certos nicolinos, a Torre dos Almadas no fim do número...), mantêm-se de ano para ano.

À chegada, com a posse geralmente visível numa varanda ou numa janela, a Comissão é recebida com a récita de um pequeno texto satírico. No fim do discurso, os estudantes pedem a posse, “E venha a posse! E venha a posse!”, de maneira insistente até que alguém da casa coloque o cesto, pendurado com uma corda, mais ou menos ao seu alcance: ainda devem saltar, pular, trepar para o atingir e, quando estão prestes a conseguir, quem dá a posse pode voltar a puxá-la para cima. A gente da casa pode também dar a ordem “E toca a banda”, o que obriga os nicolinos, com os braços entrelaçados, a saltitarem no meio do público até ao fim da música.

Bastante cansativo para os rapazes, o número é cheio de boa disposição e de humor, e várias dezenas de pessoas o acompanham até ao seu termo: o magusto noturno nas arcadas da Praça de S. Tiago, onde são partilhados os produtos obtidos com as posses e as tradicionais castanhas assadas da sociabilidade festiva do início do inverno.

Pregão

O Pregão, que já foi designado por Bando Escolástico, realiza-se no dia 5 de dezembro. O cortejo sai do Campo da Feira pelas 15h00, liderado pelo Primeiro Vogal da Academia a cavalo, vestido com o traje de gala (com uma camisa mais sofisticada do que no traje académico) e transportando a Bandeira da Academia. O coche do Pregão, que vem atrás puxado por dois cavalos, transporta o Pregoeiro, o Presidente, o Vice-Presidente e o Ponto, que assistirá o Pregoeiro. Um grupo de estudantes tocando o toque do Pregão encerra o cortejo. O Pregão é declamado em vários locais: Câmara Municipal, Escola Secundária Martins Sarmiento, casa da Dona Aninhas, Torre dos Almadas e Largo do Tournal.

Designado em virtude das suas capacidades vocais, o Pregoeiro tem uma tarefa árdua pela frente: o texto é bastante longo, deve ser dito de maneira entusiástica e deverá ser perceptível pelo público sem o recurso a equipamento de amplificação. A ajuda do Ponto, escondido nas proximidades, será preciosa para suprir as falhas de memória. A primeira declamação tem lugar numa varanda da Câmara Municipal, com o Presidente da Câmara ao lado do Pregoeiro. Os Nicolinos, dispersos entre a multidão agrupada no largo, têm a responsabilidade de assegurar que o maior silêncio seja respeitado. Panfletos com o texto são distribuídos aos presentes, existindo também uma edição de melhor qualidade, os Pregões Dourados.

Diversos temas fixos estão presentes nos Pregões de S. Nicolau: exaltação de Guimarães; elogio a S. Nicolau; referências à mitologia clássica; considerações futebolísticas acerca dos resultados do Vitória; culto do amor; apelo à energia dos tocadores de caixas e bombos... As notas mais satíricas dizem habitualmente respeito às referências à política local e nacional e podem fornecer interessantes perspectivas e pormenores, em particular nos textos mais antigos. De todos os Pregões atualmente coligidos (editados, até 1997, pela AAELG / VN), o mais antigo é de 1817, sendo provável que tenha havido outros antes. O historiador António Amaro das Neves, no seu blogue *Memória de Araduca*, tem explorado este manancial de informações vimaranenses de maneira muito atenta, articulando assim interesses nicolinos de outros tempos com a vida quotidiana da cidade. O eventual interesse dos Pregões atuais para as gerações vindouras poderá ser diferente: as mascarilhas (respetivamente branca e verde) nas testas do Pregoeiro e do Primeiro Vogal da Academia têm hoje uma função meramente simbólica, evocativa de tempos em que a expressão pública de divergências podia ter consequências drásticas.

O Pregão pode ter sido escolhido por votação entre várias propostas e a sua qualidade pode variar de ano para ano (sendo que muitos foram escritos por figuras intelectuais da cidade). Mas os vimaranenses que

consideram que o número tem vindo a perder a sua alma apontam sobretudo para o que vêm como a deficiente preparação dos estudantes.

No dia do Pregão, a Comissão almoça em casa do autor e janta com a família do Pregoeiro, que faz mais uma declamação privada. Esta prática inabitual é mais uma indicação da importância atribuída ao número, que é visto pelos nicolinos como fazendo perfeitamente a ponte entre os conhecimentos escolares e a alegre irreverência estudantil.

Maçãzinhas

A realização do número das Maçãzinhas, no dia litúrgico de S. Nicolau, e por isso qualificado com frequência como o mais importante das Nicolinas, proporciona a meninos acolhidos no Lar de S. José, de onde sai o cortejo, a oportunidade de serem escudeiros dos Nicolinos. Antes de isso ser possível, o cortejo de carros alegóricos, preparados por escolas e que serão premiados por um júri, tem de chegar ao espaço onde se realizará o número: largo do Tournal em 2014, praça de S. Tiago em 2015, cada um com os seus apoiantes – o assunto da escolha entre o Tournal, mais majestoso mas com trânsito automóvel, e a praça de S. Tiago, de escala menor e mais intimista, constitui uma das questões nicolinas debatidas continuamente na esfera pública vimaranense.

Tal como no Pregão, o cortejo é liderado pelo Primeiro Vogal da Academia a cavalo, com a Bandeira. Os carros decorados das escolas vêm atrás, transportando os rapazes (os membros da Comissão, os alunos das escolas, os meninos do Lar) e as suas lanças: longas canas equipadas com uma parte terminal pontiaguda em metal e ornamentadas com fitas coloridas. Segue o “coche dos 4”: o Presidente, Vice-presidente, Tesoureiro e Secretário da Comissão. A banda fecha o cortejo, tocando o hino de S. Nicolau.

Em 2015, quando os carros chegaram à praça de S. Tiago, a multidão de curiosos já ocupava quase todo o espaço. Como era domingo, os Velhos Nicolinos estavam autorizados a participar no número, e muitos dos seus familiares estavam presentes para assistir à sua cura de rejuvenescimento.

As meninas esperam nas varandas, que decoraram com capas pretas enfeitadas com flores de camélias, sendo esta preparação assegurada por uma comissão feminina. Observam a chegada dos rapazes e dos Velhos que descarregam as suas lanças e pedem aos seus escudeiros para colocar uma maçã na ponta. A lança é em seguida içada até à varanda onde se encontra a menina que se pretende presentear e que retribui a dádiva atando um pequeno presente à lança. A operação é repetida até ao fim da reserva de maçãs. Rapidamente, uma pequena floresta de lanças e de fitas coloridas cria uma animação aérea da praça, espetáculo muito

apreciado pelos turistas, mais uma vez surpreendidos pelas Nicolinas em poucos dias.

As lanças, fabricadas por artesãos latoeiros, podem ser decoradas com diversos motivos gravados do agrado do seu dono ou com pequenos objetos: caixa e bombo, coração. As lanças recebem muitas fitas com inscrições, ofertas ao rapaz pelas diversas mulheres que contam na sua vida: familiares, amigas, namorada... A fita mais comprida e larga é a fita branca, oferecida pela mãe ou pela namorada no caso de haver um compromisso sério assumido. É com esta fita que as outras todas são atadas. Cada conjunto de fitas, crescendo com os anos, constitui portanto uma pequena enciclopédia afetiva do seu dono, e as lanças são conservadas quase com devoção em certas famílias.

Este número atrai muitos espectadores. Interrogados, evocam um tempo em que os nicolininos se preocupavam mais com a forma como se apresentavam e com o seu comportamento, os carros alegóricos eram muitos mais criativos e, sobretudo, um tempo em que as trocas de prendas das Maçãzinhas eram uma das poucas formas autorizadas de comunicar afetos e podiam ser realmente o início ou a confirmação de um “namoro sério”. Como no caso do Pregão, a mudança radical do contexto sociocultural leva à evolução dos significados do número, que passou a ser agora mais uma evocação encenada. Não é contudo por isso percebido pelos seus participantes, plenamente conscientes destas mudanças, como sendo menos autêntico e significativo, mas num outro registo.

Danças

As Danças de S. Nicolau são neste momento o único número concebido pelos Velhos Nicolinos, que o preparam durante ensaios noturnos intensivos (no local dos Trovadores do Cano, que tocam no espetáculo) e sessões de filmagens que se estendem ao longo de várias semanas e se intensificam durante as Festas. A pesada dedicação que exige a participação nas Danças é compensada pelo convívio masculino e pelas muitas gargalhadas dadas durante as sessões de trabalho noturnas, que juntam várias dezenas de Velhos Nicolinos.

Claramente (e assumidamente) amador, o resultado é no entanto surpreendente e tem momentos altos que podem ser criativos e refrescantes, no registo do teatro revisteiro e de sátira social e cultural, com alusões brejeiras, traços vicentinos, e um ocasional travo a *Monthy Python*. O elenco é exclusivamente masculino e os recursos humorísticos associados ao travestismo são amplamente explorados. Há já muitos anos que o guião é escrito por Miguel Bastos, uma continuidade que tem permitido a emergência de um estilo distintivo, o recurso a referências recorrentes e a consolidação das personagens principais.

Afonso, Mumadona, o Truão, o Camareiro e S. Nicolau são rodeados de personagens variadas e vivem aventuras alusivas à vida vimaranense e nacional, tratada em tom de paródia. Divertem uma plateia em que os representantes das instituições da cidade, começando pelo Presidente da Câmara, devem estar preparados para serem alvos de um humor que pode ser corrosivo. Estes nunca imaginariam no entanto faltar a um evento importante no calendário da animação cultural da cidade e que é muito concorrido. O espetáculo realiza-se atualmente no auditório do Centro Cultural Vila Flor. A procura de bilhetes excede em muito a oferta, problema que motiva uma reivindicação antiga dos estudantes, por exemplo nas “piadas” dos carros do Pinheiro.

Antes do espetáculo, a AAELG procede à entrega dos seus prémios de mérito escolar, em tempos reservados à Escola Secundária Martins Sarmiento mas agora abrangendo todos os estabelecimentos de ensino secundário do concelho, clara indicação da vontade da associação de operar no sentido de consolidar o alargamento da base nicolina além do antigo liceu. O melhor carro alegórico das Maçãzinhas é também distinguido, numa tentativa de fomentar mais empenho e criatividade por parte dos alunos.

Versão bem-humorada da exaltação da tradição e da identidade vimaranense, as Danças abrem com o Hino da cidade e são encerradas com o Hino de S. Nicolau.

Baile

Existe alguma indecisão entre os Nicolinos quanto ao estatuto de “número” do Baile. O próprio site nicolinas.pt (consultado a 29 de Novembro de 2016) indica que “O Baile Nicolino é o número de encerramento das Festas Nicolinas”, mas diz o mesmo das Danças. No entanto, a existência (ainda que teórica) de Novenas que se iniciam a 29 de Novembro faz do dia 7 o último das Festas. O mesmo site descreve o Baile Nicolino como um equivalente da “Prom” dos liceus dos Estados Unidos, reivindicando a anterioridade para o modelo vimaranense. De facto, talvez em razão da força dos modelos culturais divulgados pelos media, há jovens nicolininos que usam os mesmos termos.

No passado, o Baile era semelhante a um Baile de Debutantes, em que as raparigas se apresentavam acompanhadas dos pais e os rapazes tinham de pedir à mãe de uma menina a autorização de dançar com esta. Eles podiam aproveitar o Baile para entregar a lança das Maçãzinhas à jovem com quem tencionavam oficializar publicamente o compromisso de namoro ou o noivado. Este modelo de relações desapareceu e as formas do Baile também evoluíram. Trata-se hoje de um baile de gala, que junta novos e velhos nicolininos num ambiente de elegância relativamente formal. Os jovens indicam a necessidade de ir “trajado a rigor” para poder participar no que é também conhecido como Baile da Saudade.

Para Novos e Velhos Nicolinos, a nostalgia é talvez a tonalidade dominante no evento final de mais um ciclo festivo. Esta despedida da Comissão de Festas (que tem no entanto de ficar todo o ano à disposição para participar em eventuais ações de representação e divulgação das Festas) marca a reintegração dos seus membros na ordem do quotidiano, depois de dois meses de uma existência relativamente à margem.

7.3. Manifestações associadas:

Missa de S. Nicolau

Sendo uma instituição Nicolina, a Irmandade de S. Nicolau não participa diretamente na organização ou no enquadramento das Festas. Agora que o estatuto Nicolino perdeu qualquer conotação de origem sociocultural, a Irmandade, reativada no início dos anos 1990, desempenha o papel de manutenção de uma certa distinção social no universo das Festas.

No domingo mais próximo do dia 6 de Dezembro têm lugar as solenidades em honra a S. Nicolau. Além dos membros da Irmandade, os representantes das associações nicolinas e a Comissão de Festas participam na missa estatutária na Igreja da Senhora da Oliveira. A procissão com a imagem de São Nicolau sai da capela do Santo, adjacente à igreja, e faz um curto percurso na praça de S. Tiago, liderada pela Comissão tocando o toque das Novenas. O mesmo toque é executado um pouco mais tarde no interior da igreja, durante a missa, antes do regresso da imagem à capela. O encontro encerra-se com a realização de uma fotografia de grupo na escadaria da igreja e é seguido de um almoço, numa tentativa iniciada há poucos anos de instituir mais um momento de convívio à volta da figura do Santo.

Esta atividade não se encontra integrada no calendário oficial das Festas mas, mobilizando a participação da Comissão e a execução de um toque oficial, constitui claramente um dos seus satélites mais próximos.

Dízimo de Urgezes

Fazendo parte das diversas “posses” antigamente recebidas pelos estudantes vimaranenses e que deram origem ao número nicolino com este nome, o dízimo de Urgezes foi suprimido em 1834. Por sugestão do Nicolino-mor Helder Rocha, o relançamento da prática, agora encenada num contexto inteiramente diferente, foi assumido pela Junta de Freguesia de Urgezes em 1998.

Na tarde das Posses, a Comissão, vestida com o traje académico, dirige-se à sede da Junta tocando o toque das Novenas para realizar a sua primeira posse do dia. Após a declamação de um texto satírico por um membro da Junta, os nicolinos devem pedir a posse: “E venha o dízimo! E venha o dízimo!”. O evento é dado por terminado quando conseguem apanhar o cesto pendurado numa corda.

Agora promovido pela Junta de Freguesia como “a mais antiga posse das Nicolinas” (ver Documentação) o Dízimo de Urgezes não faz parte do calendário das Festas, nem oficialmente nem *de facto*: realizado a alguma distância do centro da cidade, ainda é pouco conhecido do público vimaranense. No entanto, com o empenho da Junta, poderá vir a afirmar-se.

8. Contexto de Transmissão:

8.1. Estado: O contexto de transmissão encontra-se ativo.

8.2. Descrição: A transmissão dos valores, dos saberes e das tradições associadas às Festas Nicolinas realiza-se em três contextos complementares.

A primeira e porventura mais profunda e essencial transmissão efetua-se no quadro de uma completa informalidade. Consiste simplesmente na socialização no universo vimaranense, marcado por um sentimento identitário muito forte e assumidamente reivindicado. É impossível um aluno ser escolarizado em Guimarães (hoje em qualquer estabelecimento de ensino secundário do concelho) e “passar ao lado” das Nicolinas, em que é bem possível que o seu pai já tenha participado. A este propósito, é de notar que filhos de famílias recém-chegadas à cidade não têm qualquer problema em integrar a dinâmica nicolina.

Reminiscências das festas podem ser evocadas em conversas familiares ou mesmo ter direito a ocupar um espaço da casa, como as lanças das Maçãzinhas conservadas com outros tesouros da intimidade familiar ou que permanecem mesmo por vezes expostas no espaço doméstico, relevando então de uma modalidade mais feminina de transmissão das memórias de uma prática que tem sido até agora essencialmente masculina. E mesmo em famílias sem anteriores ligações nicolinas, a realização das festas não pode passar inteiramente despercebida, a não ser que a residência familiar fique numa freguesia muito afastada da cidade.

Em Guimarães, o sentimento de partilhar uma importante história comum é muito vivo e cultivado, numa atitude que não se cinge a alguns grupos sociais específicos. As origens remotas (conhecidas ou imaginadas) das Nicolinas constituem sem dúvida um atrativo suplementar, alicerçado no desejo de participar na preservação e na transmissão de uma realidade que se imagina ser muito antiga.

Num segundo contexto de transmissão, já mais especializado e de funcionamento mais deliberado, esta impregnação nicolina informal (em que participam todas as lojas que elaboram montras inspiradas em temas relacionados com as Festas) encontra-se reforçada

pela multiplicação de iniciativas pedagógicas, por vezes dirigidas a um público ainda extremamente jovem, como é o caso com o Pinheirinho, e pelo incentivo para se envolver em atividades ligadas às Festas, como o concurso dos carros alegóricos das Maçãzinhas. Durante a tarde de 29 de novembro de 2016, em Azurém, uma freguesia vizinha do centro urbano, a “recriação do cortejo do Pinheiro” pela comunidade educativa local envolveu 500 alunos, vestidos a preceito, que ergueram um (pequeno) pinheiro, transportado por uma junta de bois até à escola EB1 da Pegada, que tinha lançado a ideia.

Quanto às instituições nicolinas, suscitam ou promovem diretamente numerosas iniciativas de divulgação das Festas -- que não se destinam só a um público escolar -- ou de presença na vida da cidade (participação em atividades da Capital Europeia da Cultura com as visitas nicolinas “guiadas improvavelmente”; prémio de mérito escolar; plantação de um pomar de macieiras; atribuição do nome de uma rua a São Nicolau dos Estudantes, em dezembro de 2016). No decurso da sua escolaridade, quer em contexto de sociabilidade informal, quer no quadro das suas atividades escolares, os alunos e as alunas vimezanenses são portanto levados a tomarem uma decisão quanto ao seu eventual envolvimento Nicolino - dentro dos limites, potencialmente evolutivos, que são adstritos a cada género.

A decisão de uma participação corresponde à entrada num terceiro universo de transmissão: a aprendizagem formal. Para os nicolinos rasos, esta poderá limitar-se à descoberta mais ou menos aprofundada, consoante os gostos de cada um, das principais tradições nicolinas, hoje provavelmente realizada sobretudo nos proliferantes recursos disponíveis na internet, e à incorporação dos Toques (sem esquecer a eventual compra de um instrumento). No entanto Ensaios e Moinas não consistem só em aulas de percussão, mas são também momentos de introdução ao *ethos* nicolino.

Para quem integra a Comissão, ser recetor da transmissão toma quase um aspeto de iniciação, que começa para alguns com a aprendizagem do nó da gravata mas que tem também, num registo menos corriqueiro, um forte grau de intensidade e de responsabilidade. A existência de textos regulamentares fornece um enquadramento, mas o pormenor das regras (e o protocolo Nicolino pode ser bastante preciso) exige pedir informação a quem sabe: colegas mais experimentados e Velhos Nicolinos, a título individual ou integrados em ações de divulgação oficiais.

8.3. Modo(s): A transmissão dos valores, dos saberes e das tradições associadas às Festas Nicolinas efetua-se por vias múltiplas, que podem ser simultâneas:

- de maneira difusa e informal, pela progressiva integração de valores e observação de práticas que ocorrem em qualquer processo de socialização;

- pela aprendizagem individual e autónoma, através da busca de informações em fontes bibliográficas ou audiovisuais (hoje em regra geral na internet, onde proliferam páginas e blogues dedicados parcial ou totalmente às Nicolinas) e da interação oral com familiares, pares e amigos ou reconhecidos “especialistas” (Velhos Nicolinos);

- com a participação deliberada nos preparativos (Ensaios e Moinas) das Festas, com a presença durante a realização dos números ou a integração em atividades promovidas pelas associações nicolinas ou as escolas, situações em que todas as modalidades habituais de aprendizagem se encontram ativadas: observação, imitação e incorporação de práticas, integração de informações verbalizadas.

8.4. Agente(s): É impossível designar a totalidade dos agentes da transmissão informal das práticas e dos valores associados às Festas Nicolinas: realiza-se no âmbito da interação social quotidiana no seio do conjunto da coletividade vimezanense.

Em anos recentes, os infantários e as escolas têm assumido um protagonismo crescente na transmissão nicolina, com a elaboração de projetos educativos relacionados com as Festas, que podem ser concebidos e realizados com ou sem o recurso aos conhecimentos e às competências das instituições nicolinas. É de notar que, embora haja estudantes universitários originários de outras regiões e residentes temporários em Guimarães que participam na noite do Pinheiro, abordada antes de mais como mais uma oportunidade de diversão noturna, a Universidade do Minho tem-se mantido afastada do universo nicolino e das Festas.

A Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos e a Associação de Comissões de Festas Nicolinas são agentes essenciais da transmissão da tradição. Impulsionada pelo grupo de nicolinos que uns anos antes tinha iniciado o relançamento das Danças, a primeira foi fundada em 1961, dando uma existência formal ao que existia de facto desde a refundação das Festas em 1895. Mais do que ser uma simples associação de alunos, parece ter sempre tido um funcionamento organizado antes de mais à volta de preocupações nicolinas, o que foi mais tardiamente reconhecido com a adjunção da menção “Velhos Nicolinos” ao seu nome. A segunda foi criada em 1995 para agrupar quem tivesse sido membro de uma Comissão e para fornecer um ambiente de partilha das memórias ligadas a uma experiência tão particular e marcante.

Embora indubitavelmente associada às origens remotas das Festas, a Irmandade de S. Nicolau, a terceira instituição Nicolina, desempenha uma atividade restrita à dimensão religiosa das Festas e agrupa Velhos Nicolinos que consideram tratar-se de um aspeto essencial.

A Irmandade não implementa ações diretamente ligadas às Festas e constitui menos um “agente” do que um quadro de continuidade e de transmissão dos valores nicolinos. A mesma observação aplica-se às “tertúlias nicolinas”, das quais algumas são estruturadas enquanto associações e registadas na AAELG, mas muitas mais têm uma existência informal (ao ponto de ser impossível saber quantas são ao certo: qualquer grupo de amigos que se juntam para partilhar a ceia do pinheiro pode ser visto como uma “tertúlia”, o que faz com que haja quem diga que existem várias centenas desses grupos).

A ação desses agentes coletivos, nomeadamente a realização de intervenções de divulgação, depende obviamente do empenho de indivíduos mais motivados, demasiado numerosos para poderem ser identificados. Destaca-se o ativismo de Marta Nuno, empenhada na promoção da participação feminina nas Festas, interveniente importante na transmissão de saberes relativos em particular às Maçãzinhas, com a organização de oficinas de decoração floral para a preparação do número.

A nebulosa virtual de blogues e páginas na internet é um palco fervilhante de iniciativas, frequentemente efémeras, que podem ser motivadas pelo interesse na história Nicolina, a participação em debates e polémicas recorrentes (por exemplo o alargamento a mais escolas da possibilidade de participar nas Festas, que continua a ser objeto de alguma contestação), a divulgação de informações sobre atividades previstas ou pelo desejo de partilha de emoções e memórias. Pelo seu rigor científico e a sua constância, os escritos do historiador António Amaro das Neves no seu blogue *Memórias de Araduca* ocupam aqui um lugar de destaque e são referidos com frequência pelos nicolinos como fonte informativa de referência.

O mesmo autor confia igualmente na materialidade das publicações tradicionais, que lhes confere uma maior estabilidade, e apresenta também textos em periódicos locais. Outros nicolinos têm produzido livros, por exemplo de cariz memorial, como o *Nicolinas – 30 anos. 1984 / 2014*, publicado por Ricardo Gonçalves em 2014, a mais pedagógica *Cartilha Nicolina* de Fernando Capela Miguel (1988) ou o *Manual (par um pequeno) Nicolino*, com intenções didáticas viradas para um público infanto-juvenil, elaborado em 2016 por Paulo César Gonçalves, Gabriela Cunha e Raquel Costa.

No que diz respeito ao trabalho da Comissão, em particular durante as Festas, duas pessoas, Manuel das Vacas e Quim, são os depositários de uma grande quantidade de informações precisas, relativas em particular à resolução de aspetos práticos, adquiridas ao longo de anos de acompanhamento do grupo, ao lado do qual são quase omnipresentes nas suas aparições públicas.

8.5. Idioma: Português.

9. Origem/Historial:

Historial

A habitual narrativa histórica nicolina, reproduzida em inúmeras páginas na internet e, invariavelmente, nos trabalhos que alunos universitários dedicam às Festas, estipula, em termos que variam pouco, que “As Festas Nicolinas têm a sua origem na devoção religiosa dedicada a São Nicolau que era oriundo da Ásia Menor e terá vivido nos séc. III e IV. (.../...) Este culto terá chegado até Guimarães através dos peregrinos de vários pontos do país e do estrangeiro que aqui se deslocavam para venerarem Nossa Senhora de Guimarães (Padroeira de Portugal até ao séc. XVII), e também através da passagem de romeiros de/e para Santiago de Compostela que terão deixado como marca a sua devoção a S. Nicolau.” (exemplo encontrado no site do Município de Guimarães, consultado a 30 de Setembro de 2016).

Estas considerações são plausíveis, mas a sua pertinência é muito geral e só diz respeito ao culto. E levantam mais questões do que resolvem: peregrinos e romeiros passavam por muito mais cidades, onde o culto de S. Nicolau não se implantou. Talvez em razão deste défice de informações, as investigações históricas que se debruçaram sobre as Nicolinas apresentam na realidade, antes de mais, muitos pormenores relativos à história administrativa e institucional dos estabelecimentos de ensino que existiram no passado em Guimarães, principalmente a Colegiada e, mais tarde, o Mosteiro dos Frades Jerónimos da Costa, fundado no século XVI (Carvalho 1943, 1956), e o liceu (Moreira da Silva 1991). Neste mosteiro funcionou um estabelecimento que era frequentado por filhos da alta nobreza, que teve um papel importante para a introdução do humanismo em Portugal mas cuja natureza enquanto “universidade” tem sido debatido (Leite de Vasconcelos 1994; AA. VV. 1997). Para o nicolino convicto A. L. de Carvalho (1943, 1956), autor de uma muito documentada (e em boa parte vivida na primeira pessoa) narrativa histórica das Festas, o facto de Guimarães ter sido sede de uma universidade, ainda que “pequena” (Carvalho 1956: 33), é um facto incontestável. Qualquer que tivesse sido o seu estatuto exato, o alto ensino no Convento da Costa começou em 1537, mas foi de curta duração e já se encontrava extinto menos de 10 anos mais tarde (Moreira da Silva 1991: 79). Uma tentativa falhada de o reavivar no século seguinte foi o principal sobressalto na continuidade até ao século XIX de um ensino mais rudimentar, cujo magistério ficou entregue aos Padres Mestres (Carvalho 1956) destinado sobretudo a alunos que visavam uma carreira eclesiástica.

O antepassado direto da Escola Secundária Martins Sarmiento, o Seminário de Nossa Senhora da Oliveira, foi criado em Janeiro de 1891 por uma Carta Régia que previa a matrícula de alunos destinando-se à

carreira eclesiástica e às “carreiras civis” (Carvalho 1956: 38). O curso teológico seria extinto em 1911, marcando a transformação em Liceu Nacional de um estabelecimento que tinha o estatuto de Seminário-Liceu desde 1895. De todas as vicissitudes do Liceu ao longo do século XX -- como as suas diversas mudanças de instalações e, sobretudo, a sua promoção a Liceu Central em 1918, seguida em 1935 de uma despromoção para Liceu Municipal (Moreira da Silva 1991: cap. 2) --, a única que teve uma influência direta sobre as Nicolinas foi a unificação do ensino realizada após o 25 de Abril. Dela resultou a abertura das Festas a alunos de outras escolas – ou melhor de reabertura, já que, como indica Moreira da Silva (1991: 110), é conhecida a influência decisiva que diversas instituições de ensino tiveram na vida das Nicolinas “em momentos em que já quase ninguém dava nada pela continuidade das Festas”: Colégio das Hortas, Escola da Sociedade Martins Sarmento, Colégio de S. Dâmaso, etc. Formalizada num acordo passado em 1982, esta abertura é ainda hoje objeto de contestação, em particular por parte de nicolinos que se apresentam como nostálgicos do “velho Liceu” e mesmo por alguns jovens alunos -- expressão de uma forma de bairrismo escolar, ou talvez, pelo menos para alguns, de um desejo de distinção social. Porque a transformação do ensino que mais tem afetado as Nicolinas nas últimas décadas não diz respeito só ao universo escolar vimaranense mas abrange o país inteiro: trata-se da considerável massificação do acesso ao ensino (e aos seus anos mais avançados), que retirou de facto às Nicolinas qualquer traço do elitismo que as caracterizou durante muito tempo.

No tocante à origem das Festas, parece avisado adotar a circunspeção de António Amaro das Neves (2015: 35) quando escreve “Da origem das festas a S. Nicolau quase nada se sabe.” Pelo menos, quase nada se sabe que seja preciso, datado e documentado. Mesmo a opinião muito divulgada segundo a qual “Ainda durante a Idade Média, a dimensão religiosa foi perdendo terreno em relação à dimensão profana” (Moreira da Silva 1991: 79) não se encontra sustentada documentalmente. As relações entre “grande tradição” erudita e “pequena tradição” popular não seguem necessariamente a única via de alto para baixo, e não sabemos se “A pouco e pouco, a celebração profana do Santo foi ganhando raízes, passando a realizar-se na rua, com arraial, danças, números populares, representações académicas, por vezes também muita arruaça” (Moreira da Silva 1991: 79) ou se, entre outras possibilidades, as duas modalidades não coexistiram em pé de igualdade. Já é mais segura a ideia de que as passagens de muitos professores e estudantes vimaranenses por universidades estrangeiras, em Paris, Lovaina, Salamanca, terá sido favorável à introdução de influências diversas a partir de regiões ricas em tradições ligadas à figura do Santo.

De facto, um relato de uma visita episcopal à Colegiada de Guimarães a 23 de Fevereiro de 1675, da autoria do Arcebispo D. Veríssimo de Lencastre, faz referência a tradições, conhecidas em muitas regiões europeias:

Mandamos ao sacristão desta sé e a qualquer pessoa que tiver jurisdição na sacristia com pena de excomunhão por si, nem interposta pessoa empreste alguma capa de asperges para os estudantes, ou outra qualquer pessoa andar a cavalo dia de S. Nicolau Bispo em companhia dos Escolares causando turvações na vila e muitas indecências a que convém por este meio atalhar.

Como indica Amaro das Neves (2015: 35), que cita o documento, “escolhia-se um estudante que era investido na condição de bispo e que, envergando trajes litúrgicos, montava num cavalo ou num asno e, acompanhado pelos seus “acólitos”, andava pelas ruas e pelos campos em brincadeiras e travessuras, chegando mesmo a presidir a celebrações religiosas nas sés”. Estas encenações de inversões simbólicas temporárias da ordem estabelecida podiam incluir mascaradas, disfarces, alguma violência, grosseria, licenciosidade, discursos de crítica social -- práticas que, pondo a estrutura social em evidência, mesmo para a criticar, resultam sempre na sua reafirmação. Comuns no Carnaval, estes traços estão aqui associados ao início do período invernal, outro momento de transição e de incerteza que importa esconjurar. A força deste sentimento é indicada pelo facto que a repreensão episcopal não foi suficiente para acabar com os distúrbios. Em 1705 o Prior da Colegiada, D. João de Sousa, escreveu que:

É coisa muito indecente que, no dia da festa de S. Nicolau, que nesta vila se celebra pelos estudantes, andem os mesmos a cavalo com sobrepeliz e murça, fazendo gravíssima ofensa à autoridade do hábito canonical, e, sendo esta acção muito repugnante à veneração que se deve às vestiduras dos sacerdotes, pois se convertem em usos sumamente profanos, de que forem ordenadas para o culto divino, e detestando tão irreverente abuso, proibimos a todos os nossos súbditos, sob pena de excomunhão maior ipso facto incurrenda, que emprestem murças e sobrepelizes, nem consintam por algum modo, que se sirvam das suas para o dito efeito. (in Amaro das Neves 2015: 35)

O enraizamento destas práticas na cidade era aliás mais antigo, já que um documento encontrado pelo historiador Rui Faria (comunicação pessoal) estabelece a existência de tropelias estudantis na noite de S. Nicolau em 1646. Trata-se de um instrumento notarial em que Maria Cardosa concede um perdão a António Pereira e a seu pai Tomás Pereira, estudantes, por terem assaltado o seu postigo na noite de São Nicolau. Não sabemos no entanto até que ponto este acontecimento se enquadrava na realização de festividades minimamente organizadas que podiam ser vistas como Nicolinas primitivas. É no entanto certo que os estudantes da altura tinham

S. Nicolau em alta estima, já que, entre 1661 e 1663, mandaram edificar uma capela em sua honra. E 1691 é a data de estabelecimento dos estatutos da Irmandade de S. Nicolau, que estipulavam que a admissão como Irmão dependia da condição de estudante ou antigo estudante. Indicam ainda que a festa do Santo se devia realizar a 5 de Dezembro e não a 6, que é hoje a data que lhe é mais comumente associada, na presença do “Juiz mais os Oficiais, com suas medalhas penduradas ao pescoço por uma fita branca, e o que não assistir, estando na terra, o Juiz o condenará em uma libra de cera fina.” (Carvalho 1956: 49). Mas mesmo contando estudantes entre os seus membros, a Irmandade parece ter realizado festividades limitadas: “Quanto à função escolástica era ruidosa e alegre, a festa religiosa ao patrono não passava de uma solenidade modesta, restrita à igreja (Carvalho 1956: 49) e listas de nomes dos Irmãos, coligidos até 1863, indica uma clara predominância da elite social e da nobreza local: “Não andavam os fins pios e devotos da Irmandade aliados com a festa profana dos Estudantes” (Carvalho 1956: 48). Esta separação entre as atividades da Irmandade e as festividades estudantis sempre se verificou e perdura hoje.

O que sabemos das segundas resume-se a umas generalidades: tal como em grandes cidades universitárias da altura, como Salamanca ou Coimbra, os estudantes organizavam danças e representações teatrais de carácter profano (Carvalho 1956), obtendo assim rendimentos para a Irmandade e que serviram igualmente para pagar a construção da capela. Outros rendimentos provinham de “posses”, rendas de que eram beneficiários os Coreiros da Colegiada. A. L. Carvalho (1956: 64-68) coligiu registos desses pagamentos desde o início do século XVIII em Urgezes onde, no dia de S. Nicolau, os Coreiros recebiam “os frutos seguintes: 200 maçãs, ½ rasa de tremoços cortidos, meia de nozes, 2 alqueires de castanhas assadas, e duas dúzias de palha, de grandes molhos”. O rendeiro da quinta de Santo Estêvão devia cumprir esta obrigação “como é uso e costume e foi sempre”.

Mas, embora simbolicamente reativado com a integração de um novo dízimo de Urgezes nas posses contemporâneas (ver Manifestações Associadas), o “sempre” teve um fim, com a extinção dos dízimos em 1832. Os estudantes não conseguiram obter por via judicial a manutenção da posse que obtinham a partir do dízimo que a Colegiada recebia em Urgezes, uma quebra nos seus rendimentos que colocou em perigo a organização das suas festividades. Em reação fundaram em 1837 a Associação Escolástica Vimaranense, que se destinava a “promover a continuação, aumento e luzimento dos festejos do dia 6 de Dezembro, e pugnar por todos os foros e regalias que os Estudantes desta Vila disfrutam, desde tempo imemorial” e “Pugnar pela conservação dos foros e regalias escolásticas,

intentando como Autora e defendendo como Ré todos os pleitos que sobre este assunto se suscitarem.” (Estatutos, citados por Carvalho 1956: 78/81). Esta associação tinha portanto objetivos meramente profanos, enquanto o culto do Santo estava afeto à Irmandade. Encontrava-se assim institucionalizada uma separação que já existia de facto – e que se reproduz na situação atual.

Outra influência dos estatutos de 1837 sobre as Nicolinas tal como existiram até um tempo ainda recente provem dos artigos indicando que só “os estudantes de Guimarães e todos quantos, residentes na cidade, tivessem frequentado a Universidade de Coimbra” tinham o direito de participar no “festejo, só privativo dos membros da Associação”. É igualmente indicado que o exercício de um ofício mecânico implica a perda do estatuto de Irmão. A consequência deste ponto levará ao desprezo com o qual os alunos do Liceu consideravam os seus colegas de outros estabelecimentos, em particular da escola industrial / comercial Francisco de Holanda. Conta-se (Carvalho 1956) ter havido um ano em que os nicolinos aproveitaram a realização das Roubalheiras para retirar a placa da Casa dos Pobres e pendurá-la à porta da Escola Industrial.

Quanto aos “indivíduos que dolosamente pretendam tomar parte” no festejo, “os estranhos que ousados, se intrometam na função”, era-lhes aplicada “a pena que de uso antigo se acha cominada.” (Carvalho 1956:84): o mergulho do delinquente no Chafariz do Tournal. Estava assim fixada a separação entre estudantes (do Liceu) e “futricas”, tão importante no universo nicolino ao longo do século XX – e cuja influência se podia estender às redes organizando a vida social dos vimaranenses após os seus anos de escolaridade. Velhos Nicolinos que são pais de rapazes participando agora na Comissão declaram que do tempo deles o banho no chafariz já não se praticava, mas que se os nicolinos reparavam em alunos demasiado novos para participarem no cortejo do Pinheiro, puxavam da navalha para rasgar as peles dos instrumentos dos miúdos.

Mas falam de um Pinheiro distinto do número que, segundo Carvalho (1956), já se realizava em 1854 (não sendo conhecida a sua primeira ocorrência), altura em que era levantado no Tournal. Era então importante o cortejo integrar o maior número possível de juntas de bois, e terá havido anos com mais de cem (Moreira da Silva 1991: 111), com um forte impacto na paisagem sonora. Caixas e bombos eram muito menos do que hoje, mas a sobreposição do chiar e do rufar deixou marcas na memória local e ainda pode ser referida hoje. Os estudantes não tinham dificuldades em encontrar tantas juntas de bois, omnipresentes nos trabalhos agrícolas da região e que os seus tratadores gostavam de ostentar, sem contrapartida monetária, num espírito de competição. A evolução das atividades económicas

faz prever que no futuro possa haver dificuldades para encontrar as juntas necessárias, o que leva Moreira da Silva (1991: 116) a encarar sem problema a perspetiva da “motorização do desfile”.

Como em muitas regiões europeias, o facto de erguer uma árvore anunciava o início das festas mas, em Guimarães, os organizadores eram estudantes e o Pinheiro era antes de mais o mastro da bandeira escolástica, que representava Minerva. Outros deuses da Antiguidade podiam também integrar este e outros números, um sinal da importância dada na altura ao ensino das literaturas grega e latina -- uma combinação de elementos rurais com outras referências que perdura, com outras formas, nos números da atualidade. O desfile não tinha necessariamente sempre a mesma organização, certos carros alegóricos não apareciam sempre e, com o avanço da urbanização, o destino final do cortejo passou por vários sítios antes de se fixar no Campo da Feira. O percurso, em teoria invariável mas que sofreu modificações ocasionais, fazia-se perante varandas enfeitadas com bandeiras, luzes e festões, um costume hoje desaparecido (Moreira da Silva 1991: 120-122). Quanto à bandeira, acabou por desaparecer provavelmente no início do século XX. E desapareceram igualmente as máscaras que os estudantes podiam usar enquanto acompanhavam a árvore, resquícios do tempo em que o conjunto das Festas era uma mascarada, sem sequer deixar um rasto simbólico como no Pregão.

Mas a mudança maior tem sido o impressionante crescimento do envolvimento popular num número outrora exclusivamente estudantil e masculino, em que “futricas” participam hoje em massa, ao lado de Velhos Nicolinos e de mulheres, todos tentando executar o Toque do Pinheiro em unísono. Para quem se aproxima a pé do centro, a cidade parece transformada num gigantesco bombo. É fácil encontrar lembranças de tempos em que o cortejo do Pinheiro agrupava pouco mais de algumas centenas de pessoas e caixas e bombos que não ultrapassavam algumas dezenas. Mas hoje a multidão é tal que na realidade certos grupos nem sequer tentam aproximar-se do cortejo e ficam a tocar nas praças do centro: procuram antes de mais o convívio e a oportunidade de participar numa noite “que ninguém quer perder”. Centrais no que seria talvez possível designar como o período “clássico” das Festas Nicolinas (1895-1974), as suas referências ao universo escolar e à experiência estudantil (e ainda mais o lado didático que podiam ter certos números) estão agora a passar por uma certa diluição. É por exemplo fácil encontrar participantes no Pinheiro, entre os quais estudantes, que confessem desconhecer por inteiro o significado do carro de Minerva: “Pensava que era um anjo! Não é um anjo?” Embora sempre conhecidas em Guimarães como as “festas dos estudantes” e sempre organizadas por estes, as Festas Nicolinas têm ganho uma dimensão que

ultrapassa os moldes que teve desde a sua reativação em finais do século XIX. Como que forçadas pela história, as Festas abriram-se, embora de forma hesitante e limitada, a novos participantes. A integração dos estudantes de outras escolas foi assumida formalmente. Não foi o caso para a entrada, com caixas e bombos, de todo o tipo de “futricas” (e de mulheres) no Pinheiro, mas tem sido provavelmente a evolução que levou a que as Festas sejam agora apropriadas pela cidade inteira, mesmo por grupos sociais que lhes eram completamente alheios. Moreira da Silva (1991: 175) indica por exemplo ter lido uma “referência encomiástica às Festas dos Estudantes” numa publicação dos Caixeiros de Guimarães (*Guimarães, o Caixeiro e o Comércio*, Maio de 1991): “Caixeirinhos e Estudantes, que tão inimigos eram!”.

Não é surpreendente ver esta relação cristalizar-se no Pinheiro, cuja estrutura permite uma fácil adjunção de muitos participantes ativos, ao contrário dos outros números. E enquanto as Festas eram durante muito tempo quase desconhecidas fora do Concelho, são agora levadas para longe pelas ondas dos *media* e das redes sociais, alimentadas sobretudo por ilustrações da espetacularidade do cortejo do Pinheiro, o que, em retorno, espolta o interesse de mais potenciais visitantes. Mas não é só com o contraste entre as multidões da primeira noite e a assistência muito mais reduzida que acompanha os outros números (mesmo as Maçãzinhas, o mais concorrido e que tem ganho alguma notoriedade no resto do país) que a história recente das Festas lhes conferiu uma dimensão algo esquizofrénica. Enquanto o Pinheiro era um número com um forte cunho académico e cuja função principal era anunciar a abertura dos festejos, tornou-se no mais conhecido de todos. O polo principal das Festas passou de facto a ser o dia 29 de Novembro, em vez de 6 de Dezembro, dia de S. Nicolau. O Pinheiro é agora o culminar emocional da “semana mais longa que ajuda a definir Guimarães” (Silva 2010), algo paradoxalmente colocado no início, o que contribui para ofuscar o resto do programa. E a força adquirida pelo Pinheiro em anos recentes facilita ou mesmo estimula a emergência de novas interpretações simbólicas, alicerçadas em leituras de senso comum de supostas raízes culturais remotas e girando menos à volta da fertilidade (registo plausível para as manifestações que deram origem ao número) do que mais explicitamente da sexualidade e das relações de género vistas pelo prisma das suas conceções agora culturalmente vigentes.

Pelo contrário, a carga licenciosa e subversiva presente nalguns outros números segue um caminho inverso e vai-se erodindo. A crítica social tem novos *fora* onde se manifestar, mais visíveis e eficazes do que o Pregão ou as Posses e que não necessitam do recurso a uma máscara (que chegou a ser proibido em diversas alturas

das Nicolinas, como em 1821-22; Carvalho 1956: 135-137). A este propósito, António Amaro das Neves (2015: 38), que faz uma leitura muito atenta e informada dos Pregões nicolinos, nota aliás que “Regra geral, em tempos de ditadura, os pregões não eram especialmente subversivos e a máscara, mesmo que permitisse esconder por completo as feições do pregoeiro, de nada adiantava para ocultar a sua identidade, uma vez que ela estava publicada nas versões impressas do pregão que eram distribuídas aquando da sua leitura”. Mesmo a “posse do Cucúcio”, que descreveu Raúl Brandão (1903), em que, ao longo de várias gerações, o que o dono de uma casa entregava aos estudantes era uma vista do seu posterior, hoje atrairia menos as atenções. E a sátira das Danças, ocasionalmente ácida, saiu das ruas e das casas particulares onde era dantes apresentada. Produz-se agora num quadro onde é expectável e fica contida nos limites consensuais do humor mediático.

Como mostra o volumoso levantamento de pormenores históricos realizado por Moreira da Silva (1991) acerca das evoluções dos números nicolinos, todos passaram por mudanças que podem ter sido profundas, sem no entanto ser comparáveis com a rutura que tem marcado o Pinheiro em poucos anos. Introduzidas no programa das Festas renovadas em 1895, as Roubalheiras são diretamente inspiradas em tradições que eram então fortes no Minho rural e que os restauradores das Festas, em 1895, podiam conhecer de perto. Hoje, as práticas equivalentes desapareceram por inteiro do Minho rural, e as Roubalheiras são como transplantes que conseguiram prosperar em meio urbano. Mas são também marcadas por uma certa rotina, e acontece criticar-se mais a falta de imaginação dos ladrões do que o seu atrevimento. No caso das Novenas, houve menos uma rutura que um deslize, que acompanhou a baixa generalizada da prática religiosa em Portugal. Quanto ao aspeto de solidariedade social ligado ao número, não tem agora mais do que uma relevância simbólica. O mesmo se pode aliás dizer do magusto que conclui as Posses, número que se encontra nos primórdios das Festas, oportunidade de convívio num quadro noturno agradável mas já completamente desprovido de qualquer aspeto redistributivo de géneros alimentares a necessitados. Ao contrário da realização das Posses, considerada em geral, há momentos das Maçãzinhas que mudaram ao longo do século XX. As meninas não recebiam só maçãs, embora fossem as ofertas mais desejadas, mas também bolos, castanhas e outra fruta. Era também importante agradecer-lhes manifestando o domínio da arte de cavalgar ou apresentando um coche muito engalanado para se deslocar até às suas casas, dispersas pela cidade. Os dois prémios destinados, no início do século XX, a quem se vestisse melhor nesse dia foram substituídos pela recompensa atribuída ao melhor carro alegórico, mas ainda há nicolinos para lamentar a substituição dos cavalos por carrinhas pouco estéticas, em particular no

número que é com frequência considerado como o mais “bonito” e importante. Este estatuto não o terá todavia impedido de ver o seu significado evoluir radicalmente: o controlo social outrora exercido sobre o namoro soltou-se tanto que as Maçãzinhas já não podem ser mais do que uma encenação, concentrada num espaço único, evocativa de tempos idos, cujo sentido é de segundo grau.

O que sobressai do panorama histórico das Nicolinas é aliás a sua notável capacidade adaptativa. Houve diversos períodos em que as Festas estiveram em visível decadência, com números abandonados, como durante os tempos conturbados entre 1828 e 1834, momento que corresponde todavia à formação da Associação Escolástica, em reação à supressão do dízimo de Urgezes. Um novo período difícil surge em 1858/59, ao que parece por causa da concorrência do Carnaval. Após dificuldades políticas na década de 70, o Pinheiro chega à cidade por uma última vez em 1884. É só mais de dez anos depois que voltará, em 1895, graças à iniciativa de três homens: Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, Bráulio Lauro Pereira da Silva Caldas e José Luís de Pina (pregoeiro desse ano). É este núcleo e o grupo que se constituiu à sua volta que elaborou o essencial das formas atuais das Festas, nomeadamente a sua extensão a mais dias, que, ao que tudo indica, passaram a chamar-se Nicolinas em 1904, a partir de uma ideia de João de Meira. Tal como nos seus tempos mais remotos e mais recentes, entre os séculos XIX e XX a vitalidade destes festejos evoluía com o encerramento de certos cursos ou a abertura de novos estabelecimentos de ensino na cidade, acontecimentos que podiam mudar muito a paisagem estudantil. É do período da sua restauração, concomitante com a criação do Liceu, que parece datar a dimensão marcadamente saudosista do sentimento nicolino, transportado e reproduzido por antigos estudantes. É aliás também quando passa a existir a clara distinção entre os velhos e os novos (que só podiam entrar nos festejos a partir do momento em que a bandeira estava içada no Pinheiro), tão importante ao longo do século XX, mas que tende agora a diluir-se. É talvez em razão da ligação afetiva que os nicolinos cultivam com o passado que os períodos revolucionários parecem olhar as festas com suspeição: criticadas e ameaçadas após a instauração da República por serem vistas como elitistas, enfrentaram o mesmo tipo de opróbrio após o 25 de Abril, chegando a dar-se o rebentamento de um “petardo” na Torre dos Almadas.

As três instituições nicolinas que apareceram ou reapareceram em 1961 (Associação do Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos), 1993 (Irmandade de S. Nicolau) e 1995 (Associação de Comissões de Festas Nicolinas) têm todas efetivos suficientes (na mesma ordem que a sua cronologia) para serem internamente heterogéneas. Esta diversidade

nota-se em particular em atitudes divergentes acerca de evoluções recentes das Festas e das inflexões que lhes seria agora desejável dar. A perspetiva de uma eventual "candidatura à UNESCO" (entende-se "candidatura à inscrição na lista representativa do património cultural imaterial da humanidade") é uma das questões recorrentes. Estimulado pela dinâmica da candidatura do fado, o sentimento da necessidade de ver as Nicolinas "avançar" ficou expresso publicamente num artigo do Prof. Lino Moreira da Silva, em Janeiro de 2005 no semanário *O Povo de Guimarães*: "Nicolinas a 'Património Oral e Imaterial da Humanidade'". Nos debates que suscitou, além do claro desejo de ver "reconhecida" uma realidade cultural local cuja importância é inquestionável a olhos vimaranenses, e assim reforçar a dinâmica turística iniciada com a classificação do Centro Histórico como Património da Humanidade (2001) e com a Capital da Cultura 2012, foram também expressas algumas dúvidas e hesitações. Para alguns, quais são os riscos de "desvirtuação" de certos números no caso de se dar um grande influxo de novos visitantes? Uma potencial ainda maior massificação da noite inaugural não leva a reexaminar "o Pinheiro tornar-se no eucalipto das Nicolinas" (feliz expressão usada por Miguel Bastos durante a Convenção Nicolina de 2017) e obliterar a importância dos outros números? Para outros, uma candidatura seria uma oportunidade que as instituições nicolinas deveriam aproveitar para renovar números menos visíveis, enquadrar certas evoluções, corrigir comportamentos vistos como inapropriados. Qualquer que seja o desfecho deste atual sobressalto nicolino, a história imediata das Festas mostra a sua vitalidade e salienta a profunda força afetiva que as liga aos habitantes da cidade e tem sustentado uma existência plurissecular.

II. DOCUMENTAÇÃO

10. Bibliografia:

- AAELG: 1997, *Pregões de São Nicolau* - desde 1817, Guimarães, Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.
- AA. VV.: 1997, *História da Universidade em Portugal*, Tomo 1 (1290-1536) e Tomo 2 (1537-1771), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- AMARO DAS NEVES António: 2015, "Festas Nicolinas: História e Tradição", Dezembro 2015, *Mais Guimarães*, 07 de Dezembro de 2015, pp. 35-39
- BARROS, Jorge; MARTINHO COSTA Soledade: 2003, *Festas e tradições Portuguesas: Novembro e Dezembro*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- BRANDÃO Raúl: 1903, *A farsa*, Ferreira e Oliveira Editores.
- CARVALHO A.L. de: 1943, *O S. Nicolau. Tradições Académicas de Guimarães*, Edição do Liceu de Martins Sarmiento (Escola Secundária Martins Sarmiento).
- CARVALHO A.L. de: 1956, *S. Nicolau dos Estudantes. Tradições escolásticas de Guimarães*, Guimarães, 2ª edição.
- DURAND Jean-Yves: 2016, "'A candidatura': perspectivas locais. O caso das Festas Nicolinas", *Veduta. Revista de Estudos em Património*, nº 10, pp. 30-35.
- GONÇALVES Paulo César; CUNHA Gabriela; COSTA Raquel: 2016, *Manual (para um pequeno) Nicolino*, Guimarães.
- GONÇALVES Ricardo: 2014, *Nicolinas 30 Anos: 1984 - 2014*, Guimarães, A Oficina.
- LEITE DE VASCONCELOS José: 1994, *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização*, VOL.III (X vols), I.N.C.M., Lisboa.
- MEIRELES GRAÇA A.: 2003 *Pregões dos Velhos*, Guimarães, Edição de Autor.
- MEIRELES Maria José: [s.d.], *S. NICOLAU - Documentos e Pregões existentes na Sociedade Martins Sarmiento*, *Revista de Guimarães*, Sociedade Martins Sarmiento.
- MOREIRA DA SILVA Lino: 1991, *Guimarães e as Festas Nicolinas*, edição da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.
- MOREIRA DA SILVA Lino: 1992, *A Senhora Aninhas, Mãe dos Estudantes Nicolinos*, Edição da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.
- MOREIRA DA SILVA, Lino: 1994, *São Nicolau. A sua irmandade e a sua Capela na Insigne e real Colegiada de Guimarães*, Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.
- PAIS DE BRITO Joaquim: 1991, *Portugal Moderno: Enciclopédia Temática*, Lisboa, Edições Portugal Moderno Lda.

SANTOS Manuela de Alcântara: 1994, *Sob o Signo de S. Nicolau*, Guimarães, Museu de Alberto Sampaio.

SÁ Arménio (pinturas); MOREIRA DA SILVA Lino (texto): 2000, *A Alma e a Graça das Festas Nicolinas*, Guimarães, edição dos autores.

SILVA Samuel: 2010, "Nicolinas: A semana mais longa que ajuda a definir Guimarães", *Público*, 5 de Dezembro de 2010, suplemento Cidades, pp. 4-5.

VASCONCELOS João: s.d., *Guia Expresso: O melhor de Portugal, Festas, feiras, romarias, rituais*, Expresso.

VEIGA DE OLIVEIRA Ernesto: 1984, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

11. Fontes escritas:

Ver Anexo II/5 – Documentação Bibliográfica/Fontes Escritas.

12. Fontes orais:

Ver Anexo II/4 – Documentação Fontes Orais.

13. Fotografia:

Ver Anexo II/1 – Documentação Fotográfica.

14. Filme:

Ver Anexo II/2 – Documentação Fílmica/Videográfica.

15. Som:

Ver Anexo II/3.

16. Outra documentação:

III. DIREITOS ASSOCIADOS

17. Tipo:

Não se colocam, legalmente, questões relativas a direitos de autoria desta manifestação, visto que os valores e conhecimentos que lhe são associados têm sido transmitidos e reproduzidos por via informal e tradicional.

18. Detentor:

Não existem detentores de direitos de autoria intelectual ou de imagem associados à manifestação.

É de notar que o registo da marca comercial "Nicolinas" por parte da Tertúlia Nicolina, em 2009, foi contestado pela Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos, a Associação De Comissões de Festas Nicolinas e a Irmandade de S. Nicolau. Por decisão transitada em julgado, proferida em 2012 pelas Varas de Competência Mista de Guimarães, foi declarado nulo o registo referente à marca nacional n.º 424364 ("Nicolinas"), quer por falta de legitimidade de quem a requereu, quer por falta de carácter distintivo da mesma.

IV. PATRIMÓNIO ASSOCIADO

19. Património Cultural:

19.1. Móvel:

Bandeira da Academia

A Bandeira do Liceu de Guimarães (dita da Academia), anterior a 1927, encontra-se encaixilhada e exposta na sede da AAELG / VN.

Descrição da bandeira, disponível no site da AAELG:

A bandeira tem dimensões aproximadas de 2x1,5m. O seu fundo é verde-escuro e nele estão representados vários motivos pintados a tinta.

Ao centro está um mocho, simbolizando a sabedoria, mocho esse que era costume associar e representar junto da deusa Minerva.

O mocho pousa sobre um livro encadernado a azul, que simbolizará o conhecimento, e é rodeado por um aro de fundo vermelho ornado de motivos vegetais.

Por trás aparece a esfera armilar que representa os novos mundos que os navegadores portugueses deram ao mundo.

No plano posterior vê-se uma faixa de cor amarelo-dourado onde assenta, ao que parece, uma pipeta em vidro, que representará a experimentação das ciências.

No último plano aparece uma folha de palma. A palma é o símbolo romano da vitória, associada à exaltação dos grandes feitos.

Debaixo do livro, onde pousa o mocho, nasce um nó de onde partem duas pontas de uma fita em seda azul onde está inscrito “Liceu de Guimarães”.

Em 2010 a Nicolina Marta Nuno executou uma réplica, recorrendo à técnica do bordado, que é menos perecível que a da bandeira original (pintura). Ao desenho original acrescentou uma dedicatória: “À ACADEMIA NICOLINA”.

A bandeira é usada pelas Comissões durante as festas, ficando depositada o resto do ano na Torre dos Almadás.

Imagem de São Nicolau dos Estudantes de Guimarães

Madeira estufada a ouro, tamanho real, século XVIII.

Retábulo de S. Nicolau

Madeira pintada, vidro, século XXI.

Localizado na capela de S. Nicolau, no dia 29 de Dezembro é levado pelo cortejo do Pinheirinho até à Torre dos Almadás onde permanece até ao fim das Festas. Foi doado pelo Sr. Ferraz de Moura e decorado com representações em estilo *naïf* do Pinheiro e das Maçãzinhas por Fernando Capela Miguel, ambos nicolinos, como José Maria Magalhães, que ofereceu a imagem do Santo. Elaborado recentemente, o retábulo ganhou rapidamente notoriedade e é objeto de manifestações de carinho, provavelmente em razão da sua associação a uma atividade festiva que envolve crianças.

19.2. Imóvel: Associados à manifestação encontram-se os imóveis seguintes:

Capela de N.ª Sr.ª da Conceição (Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 0/361, de 1955)

Capela de S. Nicolau

Adjacente à Igreja da Oliveira, foi construída em 1998, graças a fundos obtidos pela AAELG com as entradas nas Danças de S. Nicolau, em substituição da capela original, desmantelada por ocasião de obras de renovação feitas em 1970. A porta demasiado estreita obriga a que o Santo seja colocado no seu andor só depois de ter sido retirado do edifício.

Torre dos Almadás

Sede da AAELG. A torre, antiga propriedade da família possivelmente quinhentista dos Almadás, foi cedida à Associação em 1964 pelo Município. Trazido a 29 de novembro desde a capela de S. Nicolau pelo “cortejo do Pinheirinho”, acompanhado por centenas de crianças dos infantários, o retábulo (“a casinha”) de S. Nicolau fica na Torre até ao fim dos festejos.

Chafariz do Tournal

Fonte quinhentista, por vezes chamada “Chafariz da Tradição” nos escritos nicolinos. Voltou a ser colocada no Tournal, praça principal da cidade, em 2011 depois de ter estado no Largo do Camo desde finais do século XIX. A eleição da Comissão de Festas acompanhou as deslocações de um monumento associado à tradição nicolina por também ter sido durante muito tempo o instrumento do suplício dos futricas e dos caixeiros, os inimigos dos estudantes: um banho de água fria.

Monumento Nicolino

Concebido pelo artista e nicolino José de Guimarães, foi colocado em 2008 no largo de S. Gualter, onde todos os anos é erguido o Pinheiro.

19.3. Imaterial:

- Fabricação das lanças das Maçãzinhas

Ao longo de 60 anos, o Sr. Eduardo Lobo foi o principal fornecedor de lanças para as Maçãzinhas (ver Documentação audiovisual). A latoaria faz parte das técnicas artesanais em via de extinção e, com a cessação da conhecida atividade do Sr. Lobo, tornou-se mais difícil encontrar lanças. Em dezembro de 2015, a ACFN anunciou na sua página Facebook que “Devido às dificuldades dos estudantes, em anos anteriores, na procura de Lanças para as Maçãzinhas, a A.C.F.N. encetou contactos, com o objectivo de satisfazer os estudantes para a sua participação nas Maçãzinhas. Assim, para quem desejar adquirir uma lança para as Maçãzinhas, por favor contactar a A.C.F.N.”

- Fabricação e toque de bombos e caixas (texto da autoria de Hugo Castro)

O bombo e a caixa são uma parte integrante das Festas Nicolinas. Embora não seja possível identificar com exatidão desde quando, é certo que nas últimas décadas são os dois instrumentos utilizados para executar os chamados “toques nicolinos”. A caixa e o bombo são instrumentos bimembranofones, constituídos por caixas de ressonância cilíndrica em madeira e cobertas nas extremidades por duas membranas em pele, percutidas com baquetas. O uso destes está bastante documentado na literatura etnográfica, geralmente associados a práticas musicais da região Norte do país, fazendo parte do conjunto de instrumentos musicais frequentemente utilizados em diversas bandas, fanfarras, grupos de bombos, gaiteiros e zés-pereiras. As primeiras referências ao uso de instrumentos de percussão remontam aos documentos mais antigos que se conhecem da festa, como os pregões escritos no início do séc. XIX, aludindo ao “rufo dos tambores” e à ordem de acompanhamento dos toques de tambor durante o cortejo do Pregão, ao mesmo tempo que apelam ao barulho e à música na festa. Estas referências mantêm-

se presentes na documentação sobre as festas até hoje. Em Guimarães, a venda destes instrumentos encontra-se generalizada pelas poucas lojas de instrumentos musicais, embora o fabrico seja ainda mantido de forma artesanal por José Alves, também conhecido como Zé dos Bombos, que herdou a atividade do seu avô, iniciada há mais de 50 anos.

Repertório - Toques e hinos

O repertório tocado durante as Festas Nicolinas consiste atualmente em quatro toques oficiais, designados de “toques nicolinos”; e dois hinos: “Hino de S. Nicolau dos Estudantes” e o “Cântico a S. Nicolau”. O primeiro foi composto em 1852 a partir da letra de João de Benavides, ao qual foram acrescentados novos versos em 1945, escritos por Torcato Mendes Simões por ocasião da celebração do 50^º aniversário do Renascimento da Festa Nicolina e tem hoje um papel de destaque durante as festas, estando presente em vários momentos oficiais, tais como nas Posses e Maçãzinhas (executado pelo “Grupo de Zés-pereiras de Delães) e nas Danças ao S. Nicolau (pelo grupo “Trovadores do Cano”). O segundo, mais recente, foi composto no ano 2000 com música do Prof. Óscar Machado e Letra de Meireles Graça e é apenas interpretado durante a missa das Solenidades ao S. Nicolau.

Aos toques são apontados alguns dos papéis com maior significado: a responsabilidade pelo anúncio das Festas Nicolinas e pelo acompanhamento e suporte sonoro dos números. Embora não seja possível descrever a origem de todos eles, é clara a importância e o papel que os quatro toques oficiais assumem nos diferentes números das festas sendo designados a seguir a estes: moinas, pinheiro, novenas e pregão.

Toque das Moinas, também chamado Toque dos Novos ou Pinheiro Novo: toque geralmente utilizado durante as moinas. Apenas recentemente se tornou um toque oficial das Festas e é, na opinião de alguns velhos nicolinos, uma adaptação do toque do Pinheiro num registo mais lento e mais fácil de ser tocado. As moinas são também descritas como ensaios, que serviriam para o aperfeiçoamento e aprendizagem da prática dos toques dos novos nicolinos. Segundo alguns velhos nicolinos as moinas perderam essa função, no sentido em que agora apenas o Toque das Moinas é executado durante todo o cortejo. O número de participantes tem sido crescente, sobretudo entre a comunidade estudantil atual ou os mais recentes “velhos nicolinos”. Desde 2010, é possível observar uma média de cerca de 40/50 caixas e 6/7 bombos que, em algumas moinas podem chegar às 90/100 caixas e 14/15 bombos. Os participantes seguem divididos em três filas, ao meio os bombos, ladeados por duas filas de executantes de caixa. Cabe aos membros da comissão, para além da organização coreográfica

do cortejo, assegurarem que o toque é bem executado, seguindo geralmente cinco membros da comissão no meio do cortejo, que é liderado pelo chefe-de-bombos. É este que inicia o toque repetindo de cada vez que o cortejo é reiniciado.

Toque do Pinheiro, também chamado Toque dos Velhos ou Pinheiro Velho: toque usado no cortejo do Pinheiro. Durante várias décadas foi um toque reservado aos velhos nicolinos para a noite do Pinheiro. Segundo José Luís Xavier, que participou em várias comissões na década de 1940, os estudantes apenas estavam autorizados a tocar durante o dia, naquela que era a última moina antes do início oficial das festas. Nesse dia, os estudantes saíam em cortejo do Largo da Mumadona ao início da tarde, acabando geralmente por fazerem o percurso a partir do local onde sai o Pinheiro, sendo essa considerada a entrada das festas na cidade. Posteriormente, as caixas e bombos eram recolhidos e entregues na sede da AAELG (anteriormente, os instrumentos seriam deixados noutros locais, como a casa da Sr^a Aninhas), para serem entregues e tocados nessa noite pelos velhos nicolinos.

Vários nicolinos referem ainda que era muito raro existirem estudantes e velhos nicolinos com o seu próprio instrumento ou com capacidade financeira para os alugarem com os seus próprios meios, pelo que a maior parte das caixas e bombos eram alugadas pela Comissão a quem se inscrevesse para tocar, sendo também uma das razões apontadas para o reduzido número de executantes não ultrapassariam as duas dezenas. Para além de funcionar como meio de financiamento da própria comissão, permitia que os instrumentos pudessem ser entregues em boas condições aos velhos que os iriam utilizar nessa noite. Este é um dos aspetos salientados pois, visto que as caixas e bombos passavam para a mão dos velhos nicolinos, os novos não os poderiam utilizar nessa noite. Nessa altura, o cortejo não seria dominado pelos toques de caixa e bombo, mas pelas juntas de bois que transportavam o Pinheiro e outros carros alegóricos, havendo registos que referem várias dezenas de juntas de bois que provocavam “grandes chiadeiras” e que atualmente não ultrapassam as três ou quatro juntas. Igualmente, durante vários anos participavam no cortejo do Pinheiro bandas e fanfarras, hoje substituídas exclusivamente pelos executantes de caixa e bombo.

Em finais da década de 1970, a comunicação social refere cerca de duas centenas de participantes na ceia do Pinheiro, aos quais se viriam a juntar mais alguns durante o cortejo. O início da década de 1980 marca, porém, o período em que o número do Pinheiro deixa de ser exclusivo à participação dos velhos nicolinos. Como consequência da abertura à participação dos estudantes de todas as Escolas Secundárias nas Festas Nicolinas,

progressivamente, o cortejo do Pinheiro passou a ser mais participado, tanto por alunos e alunas, sendo já em inícios da década de 1980 contabilizados pela comunicação social várias centenas de participantes, número que foi aumentando ao longo das décadas de 1990 e 2000. Nesse período, a preocupação dos membros da Comissão prendia-se com a participação de novos estudantes como executantes durante o cortejo e as dificuldades de organização advindas.

Atualmente observam-se milhares de tocadores de caixas e bombos um pouco por toda a cidade. Desde o início da tarde, grupos de novos e velhos estudantes vão-se espalhando um pouco pelo centro da cidade, ensaiando os toques para a noite. Várias razões são também apontadas para o facto de hoje em dia ser mais acessível comprar uma caixa ou alugar bombo em conjunto.

Embora a participação dos novos nicolinos no cortejo do Pinheiro seja visto pelos velhos como parte de um processo “natural”, existe a preocupação por parte da comissão do cortejo ser liderado pelos grupos de velhos nicolinos, ao som do Toque dos Velhos, criando um cordão que segue na frente do cortejo. Antes da partida do cortejo, o chefe de bombos tem a obrigação de ir ao local do jantar dos velhos nicolinos e liderar o seu cortejo até ao local do Pinheiro e só então se dá o início do cortejo. Embora os membros da comissão admitam que é uma situação muito difícil de controlar devido ao número de pessoas que estão presentes no percurso do cortejo, criando por vezes confrontos físicos, uma das maiores preocupações dos velhos prende-se, no entanto, com a perda da qualidade do toque e a falta de coordenação.

Com a crescente popularidade e mediatização do número do Pinheiro, o Toque do Pinheiro passou a ser também o mais reconhecido e aquele que geralmente representa participações de nicolinos em contextos fora das Festas.

Toque do Pregão: toque que acompanha o cortejo do Pregão. Nos últimos anos, o número de executantes apresenta uma média de cerca de 60 caixas e 9/10 bombos, organizados da mesma forma que as moínas, com duas filas de caixas a ladearem os bombos que seguem no meio, percorrendo várias ruas da cidade e parando em locais específicos para o Pregão ser dito. Assim, os momentos de toque são iniciados exatamente a seguir ao fim do Pregão, o qual geralmente contém nos últimos versos referências e apelo ao início do toque. Tal como nas moínas, cabe aos membros da comissão a organização coreográfica do cortejo e a verificação se o toque está a ser bem executado.

Toque das Novenas, também designado de Toque de Ofício e Cerimónia: consiste num toque cerimonial, atualmente utilizado durante as Novenas e as Solenidades a S. Nicolau, tendo sido anteriormente utilizado noutros contextos, como visitas ao cemitério, cerimónias fúnebres, missas, entre outros. Realizadas de manhã cedo, antes do nascer do Sol, para além da função acompanhamento cerimonial, o toque durante as Novenas tinha como objetivo acordar a população e chamar os estudantes, pelo que o cortejo até à Capela da N^a Sr^a da Conceição passava sempre por casa de outros estudantes que depois se juntavam.

Apesar de ser um número oficial com data marcada para todos os dias das Festas, atualmente as comissões apenas realizam uma ou duas Novenas. Devido às funções da comissão durante o resto das Festas, atualmente este é o único toque que é executado pelos membros da comissão em números oficiais das Festas, sendo obrigatório o uso do traje. A comissão reúne-se ao nascer do dia em frente à Torre dos Almadas, iniciando o toque e partindo em cortejo até à capela de N^a Sr^a da Conceição, em frente da qual tocam por três vezes. No fim da missa, voltam a iniciar o toque em direção ao Mercado Municipal e, após recolhidos os alimentos, partem a tocar em direção à Casa dos Pobres.

O toque das Novenas integra também as Solenidades a S. Nicolau. Apesar de não constar como número oficial das Festas, conta com a participação dos membros da comissão, velhos nicolinos e membros da Irmandade de S. Nicolau. A integração do toque durante a missa e o cortejo parece ter existido em dois momentos diferentes. O toque dentro da missa terá sido introduzido na primeira missa após a reabertura da capela. Atualmente é realizado na varanda do coro e executado na altura da consagração após a sineta. No fim da missa, é iniciado de novo o Toque das Novenas que acompanha o cortejo até à Capela de S. Nicolau. Anteriormente, o acompanhamento do cortejo estaria a cargo dos escuteiros, situação que se veio a alterar por iniciativa dos velhos nicolinos, assumindo esse papel. Atualmente é executado pelos membros da comissão, num novo papel que lhes é incumbido.

Usos, práticas e transmissão

A reconfiguração coreográfica do uso dos instrumentos é um dos aspetos mais reveladores das dinâmicas e particularidades das práticas dos toques nicolinos. Sendo o bombo um instrumento tradicionalmente utilizado individualmente e colocado num plano vertical, apoiado pelo abdómen, o seu uso foi reconfigurado ao longo dos últimos anos. Nas Festas Nicolinas, o bombo é partilhado por duas ou mais pessoas que tocam as batidas alternadamente, sustentando-o na horizontal. Alguns dos motivos apontados para esta reconfiguração relaciona fatores económicos e funcionais. Durante

décadas, o uso das caixas e bombos na noite do Pinheiro estava reservado aos velhos nicolinos. Estes utilizavam os instrumentos alugados pela Comissão de Festas e que eram utilizados pelos mais novos durante os ensaios e as moinas, mas na noite do Pinheiro eram entregues para os velhos nicolinos tocarem durante o cortejo. O processo de aluguer destes instrumentos e o número reduzido de praticantes terão sido um fator determinante para a partilha do bombo, havendo referências que apontam para um relação na ordem das 10/15 caixas para 1/2 bombos. Atualmente o número de executantes na noite do Pinheiro é substancialmente maior, pelo que o fator económico e o convívio será uma das razões para a partilha do bombo, alugado ou comprado por um grupo determinado de pessoas. Igualmente, são referidos os longos percursos dos números da festa como razão para a partilha do bombo, que assim se torna mais fácil de transportar e de tocar.

Por outro lado, existem alguns mitos associados a esta reconfiguração. O uso do bombo numa posição horizontal tem consequentemente o efeito de provocar danos na mão à medida que é percutido, sendo frequente a observação de sangue nas peles e o rebentamento destas. Recentemente, foi atribuída uma conotação sexual em que durante o movimento de baquetar, o sangue produzido e o rebentamento das peles estarão associados à perda de virgindade das mulheres. Não sendo possível encontrar qualquer referência a este discurso no passado das festas, parece sustentada a ideia de que o sangue será consequência da reconfiguração da prática coreográfica do toque que por sua vez terá por base razões sobretudo económicas.

A aprendizagem e os processos de transmissão dos toques são dos aspetos que mais evidenciam, por um lado, a continuidade das práticas sonoras das festas e, por outro, a importante relação entre diferentes gerações e abordagens aos toques. Guimarães tem um número incomparável de praticantes de caixa e bombo que percorrem várias gerações de praticantes. Como consequência do aumento de participantes, um dos aspetos mais salientados por vários velhos nicolinos é de que há uma tendência para uma progressiva perda na qualidade dos toques. Por outro lado, durante várias décadas apenas participavam algumas dezenas de praticantes, estando a sua participação condicionada pela boa execução do toque. Outros aspetos observados prendem-se com a sobreposição de toques, assim como a dispersão dos locais de toque e a perda do impacto coreográfico do cortejo.

Desta forma, a aprendizagem e a transmissão dos toques são processos valorizados pelos nicolinos e constitui uma das boas práticas que têm vindo a ser desenvolvidas nos últimos anos. Alguns métodos utilizados recentemente, tal como a gravação dos toques em formato digital e o acesso público estes, permitem um

fácil acesso a um contacto com os toques. Igualmente, são frequentes as visitas de nicolinos a escolas do concelho, apelando também para a familiarização aos toques, havendo como exemplo o desenvolvimento progressivo do Pinheirinho que demonstra o sucesso desta estratégia.

Também a obrigação de aprendizagem dos ritmos e das práticas dos diferentes toques é incutida aos membros das comissões desde os primeiros momentos após serem eleitos e é esperado que estes correspondam durante os ensaios internos em que estarão presentes apenas os membros da comissão. A Comissão é responsável pela organização de ensaios frequentes junto da população estudantil da cidade, nas semanas anteriores ao início das Festas. Juntamente com as moinas, são estes ensaios que moldam os processos de transmissão e de prática dos toques, adquirindo particular relevância no ensaio geral realizado dias antes do início das festas. Os ensaios ocorrem geralmente em dois ou três dias da semana, em horário pós-escolar e sem local certo, embora durante muitos anos se realizassem no Largo da Mumadona e no átrio da Escola Secundária Martins Sarmiento, procurando os membros da comissão organizar estes ensaios em locais próximos das escolas ou, com autorização, dentro dos recintos escolares. O anúncio dos ensaios é geralmente feito de forma informal, transmitido verbalmente, sendo certo que o ensaio geral deverá decorrer no Largo da Mumadona no dia anterior à abertura das festas. A descentralização do local de ensaio estará também ligado à reforma do ensino pós-25 de Abril e à integração dos alunos das Escolas Secundárias nas festas, procurando as sucessivas comissões apelar à participação do maior número de alunos, embora seja possível observar o número de alunos presentes nos ensaios regulares é muito menor do que os que irão participar nas moinas e nos números.

Igualmente, enquadrado em processos de transmissão, a passagem de instrumentos e da prática dos toques ocorre muitas vezes através de ligações familiares, sendo frequente encontrar estudantes e antigos estudantes cujos familiares incutiram a transmissão dos toques ou mesmo dos próprios instrumentos.

20. Património Natural:

Existem opiniões divergentes, entre os nicolinos, quanto à variedade de maçã que teria sido tradicionalmente usada para a realização do número das Maçãzinhas.

Em colaboração com as instituições nicolinas, o Município de Guimarães promoveu em 2015 a plantação de macieiras no Pomar das Maçãzinhas, optando por seguir a frequente opinião que identifica a variedade “Porta da loja” como sendo a escolha certa. Não existe no entanto documentação permitindo sustentar esta

posição. António Amaro das Neves escreve no seu blogue:

<http://araduca.blogspot.pt/2015/12/as-macas-dos-estudantes.html?view=flipcard>

Dos documentos que conheço, apenas posso dizer que as maçãs dos estudantes são perfeitas, redondinhas, formosas, mimosas, rubras, na cor rivais do rosto das raparigas, rosadas, da cor da rosa, lindas, rubras, vermelhas, rubicundas, pequeninas. E também podiam ser menos lisas, enrugadas mesmo, e descoradas, sendo estas destinadas às criadinhas de sala e à “governante austera e dura”.

A mais antiga referência às maçãs da festa de S. Nicolau está nos contratos de arrendamento do dízimo de Urgezes, em que o rendeiro ficava que com a de “dar em cada dia de S. Nicolau de cada um ano aos Estudantes que forem à dita freguesia na forma de seu costume, 2 alqueires de castanhas assadas, meio alqueire de nozes, meio alqueire de tremoços, 200 maçãs, 2 almudes de vinho e duas dúzias de palha de argola (ou painça)”.

Como se vê, da obrigação atribuída ao rendeiro não consta nenhuma referência à qualidade de maçã a entregar, mas apenas ao número de frutos, o que, estou certo, ajudará a explicar a tradição de serem pequenas as maçãs dos estudantes. Se o contrato apenas referia o número de maçãs a entregar, nada dizendo quanto ao seu peso ou tamanho, é compreensível que o rendeiro escolhesse os frutos mais pequenos e não os mais avantajados.

O Nicolino Fernando Capela Miguel declarou-se recentemente interessado em procurar em Urgezes exemplares de velhas macieiras antigas cuja fruta é suscetível de ter sido usada antigamente no número das Maçãzinhas.

ANEXO II

Festas Nicolinas

ANEXO II

I. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

1. Designação: Município de Guimarães

2. NIF: 505948605

3. Contactos:

3.1. Morada: Largo Cónego José Maria Gomes

Freguesia: Oliveira do Castelo

Concelho: Guimarães

3.2. Telefone: + 351 253 421 200

3.3. Fax: + 351 253 515 134

3.4. Endereço Eletrónico: geral@cm-guimaraes.pt

3.5. Página na Internet: www.cm-guimaraes.pt

II. CARACTERIZAÇÃO DO PROPONENTE

1. Tipologia da Entidades

1.3. Organismo da administração pública local (CAE 84 113)

1.3.1. Município

2. Inserção territorial:

2.1. Concelho: Guimarães

2.2. Distrito: Braga

2.3. NUT II: Norte

2.4. NUT III: Ave

3. Responsáveis:

3.1. Nome: Domingos Bragança

3.2. Cargo ou função: Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

3.3. Habilitações Académicas: Licenciatura em Economia

4. Caracterização do histórico e das atividades desenvolvidas pelo proponente, designadamente em matéria de identificação, estudo e documentação do património imaterial.

Nas últimas duas décadas, a preservação, reabilitação e valorização do património cultural assumiram importância estratégica na política de intervenção desenvolvida pelo Município de Guimarães.

Esta estratégia de intervenção autárquica, assente na convicção de que a preservação da memória e do património constituem condição sine qua non para o

desenvolvimento integrado do Município e dos seus cidadãos, teve como resultados mais visíveis a inclusão do Centro Histórico na lista do Património Mundial da UNESCO, em 2001, e a designação de Guimarães como Capital Europeia da Cultura, em 2012. Tratou-se do reconhecimento internacional, no primeiro caso, do trabalho exemplar de reabilitação do edificado do casco histórico e, no segundo, da agenda cultural contemporânea que o Concelho foi capaz de gerar e sustentar, transformando-o num destino de eleição para todos quantos procuram a cultura nas suas diversas formas e expressões. As intervenções identificadas, apesar de centradas no edificado e nas formas mais contemporâneas de expressão cultural tiveram, contudo, um subtexto comum: a importância atribuída à preservação da memória das vivências e a construção de novas memórias assentes na experiência. Tratava-se de, tal como afirmou Dante, dar expressão prática a um dos seus aforismos mais assertivos: "o futuro tem um coração antigo". Em coerência com estas práticas, a Câmara Municipal de Guimarães atribui, também há largos anos, importância de relevo ao património imaterial, designadamente:

- Apoiando financeira e logisticamente, de forma anual, vinte festas populares às quais reconhece interesse municipal;

- Constituindo, em 1985, a régie cooperativa A Oficina, tendo como objeto principal o estudo e salvaguarda de manifestações relevantes do património imaterial como são os casos do Bordado de Guimarães, entretanto certificado, e da Olaria de Guimarães. A Oficina nasceu da vontade de criar uma estrutura capaz de valorizar, promover e divulgar as artes tradicionais de trabalhar os materiais, património vimaranense diversificado nas áreas e rico nas formas, e de promover e realizar ações e espaços de formação potenciadores da descoberta de talentos e do desenvolvimento de competências dos cidadãos que as frequentam, ao mesmo tempo de aprofundamento do conhecimento da nossa identidade. No âmbito dos seus estatutos, A Oficina tem como objeto a preservação e desenvolvimento das formas tradicionais de artes e mesteres tradicionais de Guimarães;

- Financiando, desde 1992, Bolsas de Investigação cujos critérios de atribuição privilegiam o estudo e pesquisa sobre temas da História, da Etnografia, Antropologia, Ecologia e outros de interesse municipal;

- Editando ou apoiando edições bibliográficas sobre manifestações do património imaterial vimaranenses, como são os casos dos Bordados de Guimarães, da Carta Gastronómica de Guimarães, da Cantarinha dos Namorados de Guimarães (olaria), das Festas Gualterianas ou dos Ourives de Guimarães;

- Divulgando através dos diversos canais informativos de que dispõe as principais manifestações do património imaterial de Guimarães;

- Inaugurando, em 24 de abril de 2016, a Casa da Memória, um novo equipamento cultural da cidade cuja exposição procura perpetuar a memória – material e imaterial – de uma cidade/região nas perspetivas

histórica, social, cultural, económica e vivencial, proporcionando um local de encontro dos Vimaraneses com as suas raízes, tradições e memórias e criar um novo polo de atração turística, complementando a oferta atualmente existente com um equipamento vocacionado para a divulgação da História de Guimarães

– sobretudo nas suas dimensões imateriais - a partir da criação e utilização de tecnologias de comunicação inovadoras.

Por outro lado, a Câmara Municipal submeteu recentemente uma candidatura a financiamento europeu, designada PATRIMÓNIO CULTURAL, visando a conservação, proteção, promoção e o desenvolvimento do património natural e cultural através da realização de investimentos muito relevantes na ótica da preservação do património, designadamente imaterial, a saber:

- Reabilitação da Torre da Alfândega: A única Torre existente hoje da Muralha do Centro Histórico de Guimarães será reabilitada por forma a restituir a sua dignidade e acesso público e a criar um novo programa de usufruto patrimonial e turístico;
- Percurso pedonal no Adarve da Muralha: O troço de muralha que subsiste do Centro Histórico de Guimarães, hoje inacessível, será requalificado facilitando um percurso pedonal que dota a cidade de um novo trajeto de usufruto patrimonial e turístico;
- Centro Interpretativo na Torre Alfândega e na Casa da Rua Nova: criação de um Centro Interpretativo dedicado ao desenvolvimento urbano da cidade de Guimarães e ao seu valor excecional universal, já que não existe hoje um espaço dedicado à interpretação do Património Mundial. O Centro Interpretativo organizar-se-á em dois polos: a Torre da Alfândega, dedicada ao conhecimento das muralhas e torres da cidade; e a Casa da Rua Nova dedicada à evolução urbanística da cidade e ao processo de requalificação do Centro Histórico.

- Hereditas, Base de Dados do Património de Guimarães: constituição de uma base de dados e cartografia do património, material, imaterial e natural de Guimarães, face à inexistência de uma inventariação sistemática. Conjuntamente, a base de dados e cartografia serão instrumentos ao serviço da programação turístico-cultural e do planeamento urbanístico, produzindo plataformas de consulta pública, publicações e rotas de visitação. O projeto visa uma inventariação sistemática, metódica, criteriosa e cujo préstimo se encontra intrinsecamente indissociável da sua qualidade e rigor científicos, do envolvimento da população e da comunidade científica no processo, da permanente atualização dos registos efetuados e da imprescindível divulgação e utilização da base de dados.

Aquela que é, porventura, a principal manifestação do património imaterial de Guimarães, pela sua antiguidade, originalidade e identificação cultural com a Cidade – as Festas Nicolinas – é atualmente objeto de um estudo antropológico encomendado pela Câmara Municipal, apoiado numa investigação documental e etnográfica aprofundada, abrangendo as dimensões históricas, sociais, culturais e identitárias das Festas Nicolinas, a

avaliação dos aspetos científicos e socioculturais de uma eventual candidatura das mesmas a “Património imaterial da humanidade”, no âmbito dos procedimentos previstos pela convenção da UNESCO para a salvaguarda do património imaterial e a avaliação de uma eventual candidatura das Festas Nicolinas a “Património Cultural Imaterial da Humanidade” no panorama dos projetos de mesmo tipo já levados a cabo ou em curso em Portugal e noutros países.

Finalmente, a Câmara Municipal encara como prioritária a inclusão das mais relevantes manifestações do património imaterial de Guimarães no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, criado pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho. A experiência que já adquiriu neste sentido motivou a organização, em colaboração com o Centro em Rede de Investigação em Antropologia, de um encontro científico, acompanhado da publicação de um número da *Veduta. Revista de Estudos em Património, intitulado Em Concreto. O património cultural imaterial no terreno. Expetativas, experiências perspetivas* (Centro Internacional de Artes José de Guimarães, 13 de Dezembro de 2016).

III. FUNDAMENTAÇÃO DO PEDIDO DE INVENTARIAÇÃO

1. Caracterização da relevância da manifestação

1.1 Caracterização da relevância manifestação do património cultural imaterial de acordo com, pelo menos, um dos critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do Decreto – Lei n.º 139/2009, de 15 de junho:

a) Importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da respetiva comunidade ou grupo

Conhecidas como “as Festas dos estudantes”, as Festas Nicolinas são cada vez mais vividas e assumidas pela população vimaranense como sendo um traço distintivo da sua identidade coletiva. A participação intergeracional maciça na noite invernal do número do Pinheiro é suficiente para demonstrar a força de um sentimento que também se estende a outros números, nos quais no entanto o envolvimento direto da população é mais limitado por diversas razões (conformidade ao modelo tradicional ou dificuldades práticas).

O título de uma reportagem jornalística chegou assim a considerar que as Nicolinas são “A semana mais longa que ajuda a definir Guimarães” (Silva 2010). Certamente justo no que diz respeito aos Velhos Nicolinos e muitos vimaranenses, a referência a toda a extensão temporal dos festejos deve no entanto ser precisada: para muitos tocadores de caixa e bombo que se juntam espontaneamente ao cortejo, é agora sobretudo à Noite do Pinheiro que incumbe a produção de um sentimento de coesão, em resultado direto da possibilidade de envolvimento físico numa “performance” coletiva. Este facto só diz respeito a uma parte minoritária dos participantes e não fragiliza o valor identitário da globalidade dos festejos.

Este tem de ser considerado no contexto da presença particular que a História assume em Guimarães. O sentimento de estar a viver onde “nasceu Portugal” é amplamente partilhado pela população e o facto (também ele conhecido, nem que seja a partir de opiniões inverificadas) que as Nicolinas têm raízes históricas remotas faz com que sejam vistas como participando da mesma inscrição da comunidade no tempo longo.

b) Os contextos sociais e culturais da sua produção, reprodução e formas de acesso, designadamente quanto à respetiva representatividade histórica e espacial

Plurisseculares, as Festas Nicolinas eram originalmente realizadas exclusivamente por estudantes masculinos dos diversos estabelecimentos que existiram na cidade ao longo dos tempos e, em particular, a partir de finais do século XIX, do Liceu de Guimarães. No entanto, a partir de um acordo firmado em 1982 entre as instituições nicolinas e as escolas, a participação nas Festas ficou aberta aos alunos de todos os estabelecimentos de ensino secundário do concelho.

Diversas iniciativas pedagógicas são agora tomadas pelas comunidades escolares correspondendo a todos os graus de ensino à volta do tema das Festas, permitindo que se produza um reforço da presença das festividades no conjunto da comunidade vimaranense e uma afirmação do seu relacionamento com a totalidade do território concelhio.

A participação feminina nas Festas alarga-se progressivamente, quer pela participação ativa em certos números (Pinheiro, Maçãzinhas) ou na sua preparação, quer com um envolvimento crescente, embora ainda limitado, na vida das instituições nicolinas (associações, eleição da Comissão de Festas).

c) A efetiva produção e reprodução da manifestação do património cultural imaterial no âmbito da comunidade ou grupo a que se reporta

Os moldes atuais das festas Nicolinas provêm da revitalização dos festejos em 1895, após uma fase de interrupção. Conheceram outros momentos de fragilidade ou mesmo de quase desaparecimento, mas sempre houve vimaranenses motivados para assegurar o relançamento de uma tradição que vêm como intimamente ligada à história da cidade.

A Comissão de Festas é composta por dez alunos oriundos dos diversos estabelecimentos de ensino secundário do concelho e representa portanto assim a totalidade da população.

Neste momento, três instituições nicolinas (Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos, Associação de Comissões de Festas Nicolinas, Irmandade de S. Nicolau), emanando elas também diretamente da população local, asseguram a continuidade institucional das Festas Nicolinas e da transmissão dos valores e das representações que lhes são associadas. As duas associações cumprem uma tarefa de orientação das sucessivas Comissões.

Dezenas de “tertúlias nicolinas”, que podem ser organizadas formalmente em associações, agrupando membros da mesma geração ou de idade diferente, reúnem-se ao longo do ano com uma regularidade variável, que pode ser semanal.

Patente no acompanhamento que as casas comerciais fazem das Festas, claramente visível na participação nos números, na procura de bilhetes para as Danças de S. Nicolau, o elo existindo atualmente entre a população e as Festas é o garante da sua reprodução no futuro.

d) A efetiva transmissão intergeracional da manifestação do património cultural imaterial e dos modos em que se processa;

A atual vitalidade das Festas Nicolinas e o crescimento considerável do número de participantes na noite do Pinheiro constituem testemunhos claros da solidez e da eficácia dos dispositivos de transmissão intergeracional da manifestação, no quadro de uma dinâmica de evolução.

Estes dispositivos operam antes de mais de maneira informal, pela socialização no universo vimaranense e a integração de diversas representações partilhadas nele. Dizem Velhos Nicolinos que “para um miúdo, não há maneira de escapar [à atração exercida pelas Festas]”. Esta socialização no ambiente familiar é complementada pela exposição à realidade nicolina que é inevitável para quem cresce em Guimarães, em particular agora que as escolas lançam com frequência iniciativas pedagógicas relacionadas com as Festas.

A transmissão formal efetua-se principalmente com a assistência a ações de formação promovidas pelas instituições nicolinas e a participação em Ensaios e Moinas, aulas de percussão e de desfile integradas na preparação oficial dos festejos e destinadas aos alunos das escolas secundárias, que proporcionam também aos seus participantes oportunidades de descoberta e de integração da maneira de ser nicolino.

A participação de centenas de crianças dos infantários com um gorro vermelho e verde no cortejo do Retábulo de S. Nicolau, conhecido como Pinheirinho, é um exemplo do sucesso dos esforços deliberados feitos pelas instituições nicolinas no sentido de incutir nas novas gerações um interesse em tradições a que terão acesso quando acederem a uma classe etária superior.

e) As circunstâncias suscetíveis de constituir perigo ou eventual extinção, parcial ou total, da manifestação do património cultural imaterial;

Não se afigura neste momento qualquer perigo plausível de extinção da manifestação considerada na sua totalidade.

Para muitos Velhos Nicolinos, no entanto, a situação individual dos números é mais inquietante, sendo que as evoluções do Pregão e das Maçãzinhas, números marcados em certos anos por uma certa desafeição ou uma fraca preparação, são os casos que motivam mais recriminações. Outro motivo de inquietação, mais geral e que na realidade não diz respeito só às Nicolinas, decorre

da avaliação negativa dos comportamentos da juventude em relação ao que eram ou se pensa que eram em tempos passados, com tendências atuais que são vistas como desadequadas ao verdadeiro “espírito Nicolino”.

Sobre a questão de eventuais ameaças que evoluções recentes fariam pesar sobre a continuidade das Festas, as opiniões dividem-se entre os mais assumidamente tradicionalistas, que consideram ser um sinal de inquietante degradação, talvez precursor de problemas mais profundos, e quem vê nisso nada mais do que a tradução de evoluções inevitáveis em qualquer tradição viva, algo que pode afetar aspetos parciais das Festas mas sem colocar a sua existência em perigo.

Confrontando estas perceções expressas pelos Nicolinos com a realidade do estado dos números, o facto é que se alguns parecem ter perdido em intensidade. Em contrapartida aparecem práticas novas que contribuem para a vitalidade do conjunto. Assim, o Pinheirinho é uma atividade de introdução recente que (ainda?) não tem o estatuto de número oficial mas no entanto alcançou um sucesso fulgurante, ao ponto de por vezes já ser apontado como mais um sinal do protagonismo do Pinheiro, que muitos têm agora por excessivo.

Um sucesso pode portanto ter um efeito paradoxal, ao ponto de ser visto como um perigo ou pelo menos como uma evolução indesejável que tem de ser controlada, o que levou o nicolino Miguel Bastos a considerar durante a Convenção Nicolina de 2015 que existia um risco de ver “o Pinheiro tornar-se no eucalipto das Nicolinas”.

É ainda de salientar que os riscos de uma comercialização das Festas ou de um ainda maior influxo turístico no Pinheiro são apontados por certos vimaranenses como sendo inerentes à uma “candidatura a património mundial”. Trata-se, com o receio da intromissão de entidades externas na definição do que as Festas devem ser, das poucas objeções que é possível ouvir opor à expressão de um desejo partilhado pela maioria da população.

f) As medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial;

Os registos históricos indicam que as Festas Nicolinas passaram por diversas fases de enfraquecimento ou mesmo de interrupção durante vários anos. Neste momento, encontram-se perfeitamente vivas e envolvem mais participantes do que nunca na sua história.

No entanto, motivados pela perceção que têm de evoluções prejudiciais a certos números, os Velhos Nicolinos mostram-se sempre interessados em maneiras de reforçar aspetos das festas que consideram estarem em perigo ou simplesmente acrescentar-lhes brilho. Possíveis exemplos são o Pinheirinho, o relançamento da Posse de Urgezes, que está agora a ganhar visibilidade, ou a tentativa de identificação e reprodução de macieiras antigas que seja possível associar às Maçãzinhas.

No que diz respeito à continuidade das Festas consideradas na sua globalidade, e perante a ausência de ameaças claras, as instituições nicolinas promovem

ou apoiam numerosas iniciativas de divulgação. Fazem intervenções didáticas em escolas ou outras instituições e aproveitam qualquer oportunidade para ganhar visibilidade, participando na cerimónia de abertura da Capital Europeia da Cultura, organizando visitas nicolinas “guiadas improvavelmente” na cidade, incitando o Município a multiplicar os sinais de interesse (plantação do pomar das Maçãzinhas em 2015; atribuição do nome de uma rua a São Nicolau dos Estudantes em 2016), integrando as cerimónias oficiais de receção de personalidades que visitem a cidade (o rei de Espanha em finais de Novembro de 2016).

A participação de uma delegação de caixas e bombos nicolinos no concerto dos James no Pavilhão Multiuso da cidade em 2014 tem deixado um rasto vincado na internet. Como para qualquer festa minimamente participada, as redes sociais são hoje importantes instrumentos de divulgação que as instituições nicolinas usam intensamente. Mas mais ainda que esta utilização oficial, é graças a inúmeras iniciativas individuais, por vezes efémeras, que as festas têm adquirido uma existência virtual verdadeiramente proliferante em páginas e blogues cujo alcance real é difícil de avaliar mas de certeza importante.

O Município de Guimarães tem igualmente concretizado medidas de apoio às instituições nicolinas e implementado ações de salvaguarda e valorização que se encontram descritas abaixo: Anexo II, 1.8.

g) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos;

A realização das Festas Nicolinas não interfere no respeito pelos direitos, liberdades e garantias em matéria de defesa dos direitos humanos.

h) A articulação com as exigências de desenvolvimento sustentável e de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos;

As expectativas nutridas em Guimarães nos últimos anos em relação a uma eventual candidatura das Festas Nicolinas à inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade decorrem em parte do desejo de a ver resultar em mais um impulso para a atividade económica local, esperança alicerçada na experiência dos efeitos positivos da qualificação pela UNESCO, em 2001, do Centro Histórico enquanto Património da Humanidade e da capital Europeia da Cultura 2012. A mesma preocupação sustenta a inclusão de referências às Festas Nicolinas nas ações de promoção implementadas pelo Município no sentido de fomentar o crescimento da sua procura turística.

Outrora reservadas ao grupo muito restrito e elitista dos estudantes, que eram todos rapazes, as Festas Nicolinas já se abriram há muito a outros universos sociais. Exaltam a memória e a identidade vimaranenses, mas sem laivos de exclusão e com um forte cunho humorístico. Não é pedido qualquer pergaminho aos

novos alunos, oriundos de outras regiões, que queiram integrar as atividades nicolinas e assim manifestar a sua identificação com o seu novo lugar de residência.

As raparigas assumem agora um protagonismo claramente crescente nestas Festas que foram durante muito tempo exclusivamente masculinas (com a exceção de um papel feminino passivo nas Maçãzinhas). A integração na Comissão de Festas e portanto a participação ativa em diversos números é-lhes vedada, por respeito doas características que têm enquadrado o significado das Festas ao longo de séculos. Mas conseguiram no entanto já furar a tradição na eleição da Comissão, nas Moinas e na noite do Pinheiro, e é provável que a questão das modalidades do seu envolvimento futuro continue viva. A este respeito, é de notar que a publicação, em 2016, do livro *Manual (para um pequeno) Nicolino*, da autoria de Paulo César Gonçalves, Gabriela Cunha e Raquel Costa marca a primeira aparição de nomes femininos na bibliografia dedicada às Festas.

1.2 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de:

1.2.1. Património cultural móvel:

Ver Anexo I ponto IV, 19.1.

1.2.2. Património cultural imóvel:

Ver Anexo I ponto IV, 19.2.

1.2.3. Património cultural imaterial:

Ver Anexo I ponto IV, 19.3.

1.3 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com património natural.

Ver Anexo I ponto IV, 19.4

1.4 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com estudos científicos ou técnicos, com metodologias de pesquisa, com programas de informação e divulgação, ou com programas de sensibilização em curso com vista à salvaguarda da mesma.

Apesar da sua antiguidade, as Festas Nicolinas têm tido, até tempos recentes, uma visibilidade muito reduzida fora do concelho de Guimarães e não atraíram iniciativas de investigação científica, mesmo focadas em temas diretamente relacionados com elas (por ex. Pais de Brito 1991). Estão também geralmente ausentes das obras de divulgação das “tradições populares” destinadas ao público não-universitário (por ex. Barros e Martinho Costa 2003) e mesmo dos roteiros turísticos produzidos à escala nacional, mesmo quando elaborados por um investigador em ciências sociais (Vasconcelos s.d.).

Localmente, as Festas têm sido abordadas na segunda metade do século XX por historiadores locais cujos trabalhos resultaram sobretudo na produção de um importante acervo de dados factuais e cronológicos (Carvalho 1943, 1956; Moreira da Silva 1991). Apoiando-se num conhecimento pessoal das Festas e do seu

contexto histórico, social e cultural, António Amaro das Neves produz atualmente uma leitura histórica das Festas orientada pelas normas e expectativas da historiografia contemporânea. Este trabalho traduz-se sobretudo em contribuições em publicações locais e no blogue do autor (*Memórias de Araduca* <http://araduca.blogspot.pt/>) na forma de crónicas pontuais acompanhando e comentando acontecimentos da atualidade vimaranense.

Um estudo antropológico encontra-se em fase de conclusão. Realizado por uma equipa do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, inclui uma vertente etnomusicológica. Resultando de um pedido formulado pelo Município na sequência da afirmação, em Guimarães, de um desejo de candidaturas das Festas Nicolinas “a património da humanidade”, o estudo foca-se principalmente nas dinâmicas contemporâneas destas festividades.

1.5 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com a missão, visão, valores e vetores estratégicos da entidade requerente ou de outras entidades.

Tal como dispõe a alínea m) do nº 2 do art.º. 64º da Lei nº 169/99 de 18 de setembro, alterada e republicada pela Lei nº 5-A/2002 de 11 de janeiro, a Câmara Municipal de Guimarães assume integralmente a competência de “assegurar, em parceria ou não com outras entidades públicas ou privadas, nos termos da lei, o levantamento, classificação, administração, manutenção, recuperação e divulgação do património natural, cultural, paisagístico e urbanístico do município...”.

De facto, as práticas desenvolvidas nas últimas décadas na área da reabilitação do património construído, práticas amplamente reconhecidas e coroadas pela classificação do Centro Histórico como Património Cultural pela UNESCO, constituem uma demonstração inequívoca do empenho que a Câmara Municipal de Guimarães dedica às questões do património, à sua valorização e preservação. Sob um ponto de vista integrado, a Câmara Municipal entende ainda o património imaterial de raiz local e regional como fator preponderante de afirmação do Município, estratégico para a construção de uma matriz identitária diferenciadora e indutora de participação cívica em manifestações coletivas. Daí o propósito de identificar aquelas manifestações do património imaterial que, pela sua relevância cultural, devam ser incluídas no inventário nacional, com o que procura favorecer a sua valorização, preservação e divulgação.

1.6. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas, em curso ou projetadas, pela entidade requerente ou por outras entidades.

Em 2012 Guimarães foi Capital Europeia da Cultura, tendo apostando fortemente na divulgação, valorização e promoção das Festas Nicolinas, sendo um dado

includível que, sobretudo a partir desse ano, as Festas Nicolinas afirmaram-se definitivamente, face ao exterior, como um dos ex-libris de Guimarães, atraindo hoje um número crescente de visitantes “não Nicolinos”.

De resto, já anteriormente as Festas Nicolinas constavam de toda a informação institucional, cultural e turística veiculada pelo Município como uma das suas mais relevantes manifestações culturais.

Para além disso, sempre que o propósito se estabeleça, a Câmara Municipal apela à participação dos Nicolinos nas ocasiões de maior relevo institucional para o Município. Foi o caso recente da visita dos Reis de Espanha, que foram acolhidos à chegada ao Paço dos Duques de Bragança por uma numerosa delegação Nicolina, tendo a comunicação associada ao evento assegurado que a identificação e caracterização das Festas Nicolinas fosse objeto de grande atenção mediática nos diversos órgãos de comunicação social que acompanharam a visita.

1.7. Caracterização de eventuais ameaças à continuidade da prática e ou da transmissão da manifestação do património cultural imaterial.

Ver Anexo II, 1.1, e).

1.8. Caracterização de ações de salvaguarda e valorização de que a manifestação do património cultural imaterial tenha sido ou seja atualmente objeto, por parte da entidade requerente ou por parte de outras entidades.

A Câmara Municipal de Guimarães sempre prestou apoios de diversa natureza a diversas instituições do universo Nicolino, com o objetivo de favorecer a sua vitalidade, preservação, valorização e divulgação.

Para mencionar apenas os exemplos mais relevantes, elencam-se os seguintes:

- 1998: é inaugurada a reconstrução da Capela de São Nicolau na sequência de uma iniciativa promovida pela respetiva Irmandade; a Câmara Municipal dispensa à iniciativa um significativo apoio financeiro e técnico;
- 1998: é concluído o arranjo urbanístico do Largo de São Gualter contemplando o local definitivo de implantação do Pinheiro;
- 2001: é instituído o Prémio Câmara Municipal de Guimarães para o Melhor Carro das Maçãzinhas, ainda vigente, que premeia com obras bibliográficas a biblioteca do estabelecimento de ensino donde provenham os autores do carro vencedor;
- 2008: é inaugurado, no mesmo Largo de São Gualter, o Monumento Nicolino na sequência de uma iniciativa promovida pela Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães; com autoria do antigo Nicolino e artista plástico José de Guimarães, que ofereceu o seu trabalho de criação e conceção, a construção do monumento é financiada pela Câmara Municipal de Guimarães;
- 2011: é encomendado pela Câmara Municipal um estudo antropológico que, apoiado numa investigação documental e etnográfica aprofundada, abrangendo as

dimensões históricas, sociais, culturais e identitárias das Festas Nicolinas, proceda à avaliação dos aspetos científicos e socioculturais de uma eventual candidatura das Festas Nicolinas a “Património imaterial da humanidade”, no âmbito dos procedimentos previstos pela convenção da UNESCO para a salvaguarda do património imaterial e a avaliação de uma eventual candidatura das Festas Nicolinas a “Património Cultural Imaterial da Humanidade” no panorama dos projetos de mesmo tipo já levados a cabo ou em curso em Portugal e noutros países.

- 2016: inaugurada a Rua de São Nicolau dos Estudantes, um novo arruamento criado no âmbito do arranjo urbanístico da envolvente do Campo das Hortas.

Anualmente, por outro lado, a Câmara Municipal atribui diversos apoios logísticos e financeiros à realização das Festas Nicolinas ou eventos a estas associados, designadamente:

- atribuição, à Comissão de Festas Nicolinas e à Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães de subsídios anuais para apoio à realização das Festas Nicolinas e das Danças de S. Nicolau, respetivamente;
- atribuição, à Comissão de Festas Nicolinas, de diversos apoios logísticos necessários à realização das Festas, designadamente, cedência de viaturas para o cortejo das Maçãzinhas, condicionamento de trânsito e estacionamento no percurso dos cortejos das Maçãzinhas e do Pinheiro, isenção de taxas e licenças para realização dos cortejos das Maçãzinhas e do Pinheiro, oferta de camélias para decoração de capas e as janelas durante o cortejo das Maçãzinhas, pagamento de escavadora e cedência de ferramentas para o enterro do Pinheiro;
- atribuição de subsídios pontuais para apoio à realização de outras iniciativas Nicolinas.

A exposição da Casa da Memória, inaugurada a 24 de abril de 2016 (ver Anexo II, 4.), integra uma secção dedicada às Festas Nicolinas. Este novo equipamento cultural poderá assumir um papel de coordenação da recolha de novos elementos de documentação relativos às Festas e às suas instituições.

A prioridade é agora a inscrição das Festas Nicolinas no Inventário Nacional do Património Imaterial, o que, por certo, contribuirá para aprofundar o conhecimento em torno deste património secular, valorizando-o e divulgando-o.

2. Documentação de relevância da manifestação:

- a) **Documentação fotográfica:** v. Anexo II/1;
- b) **Documentação fílmica/videográfica:** v. Anexo II/2;
- c) **Documentação sonora:** v. Anexo II/3.
- d) **Documentação fontes orais:** v. Anexo II/4.

3. Direitos de propriedade intelectual

A Câmara Municipal de Guimarães efetuou as necessárias diligências com vista a assegurar a devida identificação e respeito pelos direitos de propriedade intelectual que recaem sobre a documentação referida nos Anexos II/1 a II/4.

Mais se declara que apenas poderá ser objeto de divulgação pública, através da base de dados do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, a seguinte documentação, fornecida em suporte digital em anexo ao presente pedido:

- a) Todos os documentos fotográficos referidos no Anexo II/1;
- b) Os documentos videográficos referidos no Anexo II/2.

4. Direito à imagem:

A Câmara Municipal de Guimarães efetuou as necessárias diligências para que os espécimes fotográficos e fílmicos integrantes do presente Pedido de Inventariação observem o devido respeito pelo direito à imagem dos indivíduos neles retratados.

5. Proteção de dados pessoais

A Câmara Municipal de Guimarães efetuou as necessárias diligências para que toda a informação constante do presente Pedido de Inventariação, independentemente da sua natureza ou suporte, e designadamente no âmbito do disposto no artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, e no mesmo artigo do Decreto-Lei n.º 149/2015, observe o disposto na legislação aplicável em matéria de proteção de dados pessoais.

6. Declaração de compromisso:

V. Anexo II/6 – Declaração de Compromisso da Câmara Municipal de Guimarães atestando a veracidade dos factos e motivos expostos no presente Pedido de Inventário, anexa em suporte digital (formato PDF).

7. Pedido de inventariação e procedimento:

O presente Pedido de Inventariação foi elaborado pela Câmara Municipal de Guimarães, através do apoio na recolha de dados, trabalho de campo e realização da ficha de inventário no quadro do projeto *Estudo antropológico das Festas Nicolinas* desenvolvido por uma equipa do Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

8. Recolha e tratamento da informação

8.1. O processo de estudo que resulta na ficha de inventário das Festas Nicolinas que integra o Pedido de Inventariação no Inventário Nacional do Património

Cultural Imaterial foi realizado recorrendo-se a recolhas no terreno e a fontes orais e bibliográficas.

8.2. O processo de estudo que integra o Anexo I do presente Pedido de Inventariação foi realizado por Jean-Yves Durand, professor auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, investigador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, com a participação de Hugo Castro, mestre em etnomuseologia, bolsheiro doutoramento do INET-MD, e de Maria João Nunes, mestre em antropologia, bolsreira de investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

8.3. Conforme o respetivo Curriculum Vitae, em anexo, Jean-Yves Durand é doutorado em antropologia pela Université de Provence. Foi docente convidado na École du Louvre e director do Museu da Terra de Miranda. É membro do conselho científico do Musée de Salagon (França). Realiza diversas investigações na área do artesanato, das festividades, dos etnosaberes, das políticas públicas da saúde e da cultura.

Anexo II/1. Documentação fotográfica

A documentação fotográfica é fornecida em ficheiro digital e é acompanhada por documento anexo ao presente Pedido de Inventário, onde se encontra a informação relativa a cada registo fotográfico.

Anexo II/2. Documentação fílmica/videográfica

O registo fílmico, em ficheiro digital anexado ao presente Pedido de Inventário, ilustra momentos essenciais da manifestação.

Anexo II/3. Som

O conjunto de documentos sonoros é fornecido em suporte digital (formato ficheiro de som), em anexo ao presente Pedido de Inventário.

Anexo II/4. Documentação fontes orais

Extratos de certas entrevistas realizadas no âmbito da investigação são fornecidos em suporte digital (formato ficheiro de som), em anexo ao presente Pedido de Inventariação.

Anexo II/5. Documentação Fontes Escritas

Um conjunto de cópias da documentação bibliográfica de referência específica da manifestação é fornecido em ficheiro digital e é acompanhado por documento, anexo ao presente Pedido de Inventário, onde se encontra a informação detalhada da respetiva bibliografia.

Anexo II/6. Documentação Cartográfica

Anexo II/7. Declaração de Compromisso

O documento encontra-se em anexo, em suporte digital e em papel, ao presente Pedido de Inventário.

Anexo II/8. Curriculum Vitae

Os documentos são fornecidos em suporte digital, em anexo ao presente Pedido de Inventário.

ANEXO II/1. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Nº	Autor	Data	Título	Local
1	Jean-Yves Durand	2014	Proclamação dos resultados da eleição da Comissão	Guimarães
2	Jean-Yves Durand	2013	Romagem da Saudade	Guimarães
3	Jean-Yves Durand	2012	Uma Moina	Guimarães
4	Jean-Yves Durand	2012	Uma Moina. Na varanda, a tertúlia 4 de Dezembro	Guimarães
5	Jean-Yves Durand	2013	O Pinheirinho	Guimarães
6	Jean-Yves Durand	2013	O Pinheirinho. O retábulo de S. Nicolau chega à Torre dos Almadás	Guimarães
7	Paulo Pacheco	2008	O abate do Pinheiro, na Quinta de Aldão	Guimarães
8	Hugo Castro	2012	O Pinheiro chega à cidade	Guimarães
9	Paulo Pacheco	2015	O Pinheiro decorado	Guimarães
10	Hugo Castro	2012	Minerva (Quim) prepara-se para a noite do Pinheiro	Guimarães
11	Paulo Pacheco	2015	Cortejo do Pinheiro	Guimarães
12	Paulo Pacheco	2015	O cortejo do Pinheiro e a multidão	Guimarães
13	Paulo Pacheco	2015	A difícil progressão do Pinheiro	Guimarães
14	Paulo Pacheco	2015	Tocadores nas ruas durante a noite do Pinheiro	Guimarães
15	Paulo Pacheco	2015	O "enterro" do Pinheiro	Guimarães
16	Paulo Pacheco	2015	O Pinheiro erguido. No fundo, o Monumento Nicolino	Guimarães
17	Hugo Castro	2012	Novenas: capela da Sra. da Conceição	Guimarães
18	Hugo Castro	2012	Novenas: peditório no mercado	Guimarães
19	Hugo Castro	2012	Novenas: a caminho da Casa dos Pobres	Guimarães
20	Hugo Castro	2012	Roubalheiras em flagrante: as balizas do Vitória	Guimarães
21	Hugo Castro	2012	Roubalheiras: deixando um bilhete a uma vítima	Guimarães
22	Hugo Castro	2009	Roubalheiras: a carrinha	Guimarães
23	Paulo Pacheco	2014	Roubalheiras: madrugada fria no Toural	Guimarães
24	Paulo Pacheco	2014	Roubalheiras no Toural	Guimarães
25	Paulo Pacheco	2008	A Comissão nas Posses	Guimarães
26	Paulo Pacheco	2008	Posses	Guimarães
27	Paulo Pacheco	2008	E venha a posse!	Guimarães
28	Paulo Pacheco	2014	Posses	Guimarães
29	Paulo Pacheco	2008	Magusto	Guimarães
30	Paulo Pacheco	2015	Pregão na Câmara Municipal	Guimarães
31	Hugo Castro	2009	Cortejo das Maçazinhas	Guimarães
32	Jean-Yves Durand	2015	Maçazinhas na Praça de Santiago	Guimarães
33	Paulo Pacheco	2015	Maçazinhas	Guimarães
34	Paulo Pacheco	2008	Maçazinhas	Guimarães
35	Jean-Yves Durand	2014	Maçazinhas	Guimarães
36	Paulo Pacheco	2014	Danças de S. Nicolau	Guimarães
37	Paulo Pacheco	2014	Danças de S- Nicolau	Guimarães
38	Paulo Pacheco	2014	Danças de S. Nicolau	Guimarães

39	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	Início do século XX	Liceu de Guimarães (Convento de Santa Clara). Grupo de Nicolinos. Início do século XX	Guimarães
40	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	Décadas de 1910 / 1920	Grupo com caixas e bombos	Guimarães
41	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	Década de 1920	Rua de Gil Vicente. Festas Nicolinas (Maçazinhas)	Guimarães
42	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	1920	Carlos Abreu com bombo	Guimarães
43	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	1920	Jaime Sampaio com caixa	Guimarães
44	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	Início do século XX (após 1903)	Rua de Gil Vicente. Festas Nicolinas (Pregão)	Guimarães
45	Autor desconhecido Coleção de Fotografia da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património.	1920	Álvaro Casimiro com bombo	Guimarães
46	Paulo Pacheco	2015	Missa de S. Nicolau	Guimarães
47	Paulo Pacheco	2015	Execução do Toque das Novenas durante a Missa de S. Nicolau	Guimarães
48	AAELG / VN	s.d.	A Bandeira da Academia, conservada na Torre dos Almadas	Guimarães
49	Jean-Yves Durand	2013	A imagem de S. Nicolau dos Estudantes	Guimarães
50	Jean-Yves Durand	2014	A "casinha" de S. Nicolau	Guimarães
51	Jean-Yves Durand	2016	Capela de N. Sra. da Conceição	Guimarães
52	Hugo Castro	2016	Capela de S. Nicolau	Guimarães
53	Hugo Castro	2009	Torre dos Almadas	Guimarães
54	Hugo Castro	2016	Chafariz do Toural	Guimarães
55	Jean-Yves Durand	2013	O Monumento Nicolino, no largo de S. Gualter, com o Pinheiro em segundo plano	Guimarães
56	Jean-Yves Durand	2013	Uma lança das Maçazinhas	Guimarães
57	Paulo Pacheco	2008	Caixas em ação durante o Pinheiro	Guimarães
58	Hugo Castro	2012	O toque de um bombo sem baquetes e as inevitáveis consequências para as mãos	Guimarães
59	Jean-Yves Durand	2015	Uma maçã espetada numa lança das Maçazinhas	Guimarães
60	Paulo Pacheco	2015	Inauguração do Pomar das Maçazinhas	Guimarães

ANEXO II/5. DOCUMENTAÇÃO FONTES ESCRITAS

N.º	Autor	Data	Título	Págs.	Local	Editor
1	VV. AA.	1920	Os "Velhos" 1895-1920 Número único consagrado ao 25º aniversário do ressurgimento das Festas Nicolinas em Guimarães		Guimarães	Tipografia Minerva Vimaranesense
2	VV. AA.	1945	Os "Velhos" 1895-1945 Número único consagrado ao 25º aniversário do ressurgimento das Festas Nicolinas em Guimarães		Guimarães	Tipografia Minerva Vimaranesense
3	VV. AA.	1979	Os "Velhos" 1895-1970 Número único consagrado ao 25º aniversário do ressurgimento das Festas Nicolinas em Guimarães		Guimarães	Tipografia Ideal
4	Carvalho A. L. de	1957	O S. Nicolau dos Estudantes		Guimarães	Oficinas de S. José.
5	n/a	1945	"Atômicos efeitos": um exemplo de humor Nicolino, datado de 1945		Guimarães	n/a
6	n/a	1945	Sarau dos 50 anos das Festas Nicolinas		Guimarães	n/a
7	AAELG	1974	(parte 1) "A Direcção da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, congratula-se com o programa elaborado e já em fase de execução pelo Movimento das Forças Armadas"		Guimarães	n/a
8	AAELG	1974	(parte 2) "A Direcção da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, congratula-se com o programa elaborado e já em fase de execução pelo Movimento das Forças Armadas"		Guimarães	n/a
9	AAELG	1982	A partir de 1982, os alunos de todas as escolas secundárias do concelho têm a possibilidade de participar nas festas Nicolinas.		Guimarães	n/a
10	Tertúlia 4 Dezembro		História da Tertúlia 4 Dezembro		Guimarães	n/a
11	Comissão de Festas	2009	Pregão 2009		Guimarães	n/a
12	AAELG	2010	Romagem da Saudade		Guimarães	n/a
13	Comissão de Festas	2012	Autocolante oficial das Festas Nicolinas 2012, com a silhueta emblemática do tocador de bombo com o seu instrumento na vertical, hoje praticamente desaparecida da paisagem das Festas.		Guimarães	n/a
14	AAELG	2014	Programa das Danças de S. Nicolau		Guimarães	n/a
15	Junta de freguesia de Urgezes	2016	Convite para assistir à Posse do Dízimo de Urgezes, 201		Guimarães	n/a

